

BOLETIM
Formação em Psicanálise

Ano I
Volume I
Março/Abril
1992

26/



BOLETIM

FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE

ANO I
VOLUME I
MARÇO/ABRIL

1992

I Editorial:

II Informes:

Cotidiano:

Curso:

Programa

Subcomissões

Eventos

Publicações

Atividades:

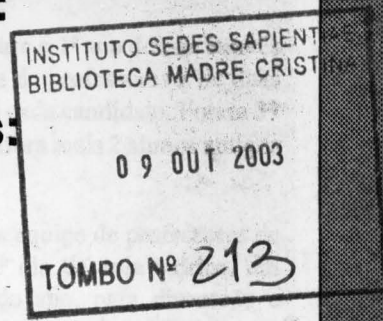
Leituras:

VIOÊNCIAS DO ENCONTRO

III Artigos:

QUEM SOU EU, AGORA
QUE HANNA ESTÁ AÍ?

DA LINGUAGEM DOS AFETOS
À LINGUAGEM SIMBÓLICA.



EXPEDIENTE

Primeira Datilografia: Carmita Maia.

Capa: Vicente Silvio Nogueira

**Secretariado e Digitação : Célia Maria Dória Frasca
Scorvo e Elizabeth de Cassia S. Ferreira.**

*Queremos desde já agradecer ao SEDES SAPIENTIAE e
equipe pelo zelo e dedicação a nós dispensado, sem o qual
este não seria possível.*

COMISSÃO EDITORIAL

Claudia Paula Leicand

Ede De Oliveira Silva

Emir Tomazelli

Maria Luiza Scrosoppi Persicano.

I - EDITORIAL

" A auto-fecundação continuada constitui uma estratégia pobre para a sobrevivência a longo prazo, já que a descendência transporta apenas os genes do seu único progenitor, e as populações não mantêm variação suficiente para proporcionar flexibilidade evolutiva em face das mudanças do ambiente" (Darwin, 1862)

Bem...

Estamos abrindo um espaço novo dentro do curso Formação em Psicanálise, um espaço aberto a todos que queiram preenchê-lo, formandos, formados, professores (mesmo que estes nomes não sejam os melhores nomes para qualificar nossas relações), através de artigos, trabalhos clínicos, notícias, resenhas, etc....sim, um boletim está nascendo, mas, para isto, precisamos trabalhar e muito: é isto o que pretendemos.

Diríamos que este espaço não estará apenas aberto para aqueles que ainda garantem nossa memória e nossa história, mas também para quem quiser ocupá-lo, o que faz dele um local de encontros. Um local, que venha a ser uma "PLATZ", onde vários caminhos se cruzam e onde a memória infantil possa circular sob a forma do saber psicanalítico.

COMISSÃO EDITORIAL.

II - INFORMES

COTIDIANO:

O Curso de Formação em Psicanálise iniciou o ano com três reuniões gerais do corpo docente já nos meses de janeiro e fevereiro. Nestas, foi retomada a comunicação entre os anos, iniciada em 1991, para fins de reavaliação e reorganização dos programas. Este processo não está terminado. Pretende-se um

forum contínuo de reavaliação, a partir inclusive do " Feedback" do corpo discente durante o transcorrer do ano letivo. A organização dos professores para o ano ficou estabelecida em três comissões: Diretiva, Publicação e Eventos.

A seleção de alunos para o 1º ano deu-se através de outras 3(três) reuniões de professores e de duas etapas de entrevistas para cada candidato. Foram 37 inscritos, 20 escolhidos, afora mais 2 alunos antigos que reabriram matrícula.

1992 iniciou-se com a equipe de professores de cada ano, abrindo, no 1º dia de aula teórica, um espaço com os alunos do ano, para discussão e reflexão a respeito da saída de professores do curso em 1991.

Neste ano, uma vez por mês, os professores participarão de um programa de estudo entre si, voltado para o aprofundamento do tema da pulsão de morte à luz das entidades clínicas e da prática psicanalítica.

As reuniões clínicas iniciadas no final do ano de 1991, continuarão nas primeiras terças-feiras do mês, tendo como reinício o dia 7 de abril e sairão sempre divulgadas no setor de atividades, assim como as reuniões teóricas que ocorrerão.

O pessoal da Comissão de Eventos já contactou outras pessoas para virem participar de nossos futuros eventos: Gilberto Safra, Antonio Muniz de Resende, Manoel Tosta Berlink, Maria Cristina Kupfer, Leopoldo Nosek, Felícia Knoblock e Heloísa Ópice.

CURSO:

PROGRAMAS

PROGRAMA DO 1º ANO 1992

Os eixos principais do programa articulam-se em torno da constituição do sujeito humano, na sua cisão, trabalhando os conceitos de falta, desejo e repressão, e, a partir daí, a elaboração do conceito de Inconsciente.

O percurso escolhido segue os seguintes temas:

TEMA - I - HIPNOSE: Começa a surgir uma noção de um outro lugar psíquico.

Textos (todos de S.Freud):

Informe sobre meus estudos em Paris e Berlim - 1886.

Prólogo à tradução de H. Bernheim, " de la Suggestion " - 1888.

Resenha de August Forel, "Der Hypnotismus"-1889.

Hipnose - 1891.

Um Caso de Cura pelo Hipnotismo - 1892.

Prólogo e Notas à tradução de J.M.Charcot, "Leçons du Mardi de la Salpêtrière" - 1887-88.

Charcot - 1893.

TEMA II -HISTERIA: Acompanharemos o surgimento do sintoma como demonstrativo do trabalho do Inconsciente, levando em conta a teoria traumática e a teoria da sedução .

Textos: Estudos sobre a Histeria - 1893-95 (Freud e Breuer).

a) Sobre o Mecanismo Psíquico dos Fenômenos Hísticos - Uma Comunicação Preliminar.

b) Historial Clínico - Fr.Elisabeth Von R.

c) Psicoterapia da Histeria.

d) A Etiologia da Histeria.- 1896.

e) As Neuropsicoses de Defesa - 1894.

f) Carta a Fliess nº 69-1897.

Projeto de uma Psicologia para Neurológos - Cap II -1895.

Novos aportes às Neuropsicoses de Defesa - 1896.

A Sexualidade na Etiologia da Neuroses - 1898.

A Perda da Realidade nas Neuroses e nas Psicoses - 1924.

TEMA III - SONHOS E ATOS FALHOS: Serão trabalhados como formações do Inconsciente. Veremos o trabalho do sonho em si, colocando ênfase no processo primário , fazendo a articulação com o sintoma e a "normalidade" através da psicopatologia da vida cotidiana.

Textos: Sobre os Sonhos - 1901.

Interpretação dos Sonhos - Cap VII - 1900.

Psicopatologia da Vida Cotidiana - Cap I e IV - 1901.

O Mecanismo Psíquico do Esquecimento - 1898.

Lembranças Encobridoras - 1899.

Projeto de uma Psicologia para Neurólogos - cap I - 1895.

TEMA IV - DESEJO: Vivência de Falta e Vivência de Satisfação

Abordaremos os temas de Repressão Primária, Representação do Desejo e Inscrição Psíquica.

Textos: Interpretação dos Sonhos- Cap VII - parte c -1900.

projeto de uma Psicologia para Neurólogos - Cap. I- partes 11 e 12.

Complemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos -1915.

TEMA V - FORMULAÇÃO METAPSICOLÓGICA DO APARELHO PSÍQUICO:

Textos Interpretação dos Sonhos - Cap.VII -Parte F.

Os dois Princípios do Sucedor Psíquico -1911.

A Repressão - 1915.

O Inconsciente - 1915.

Esboço de Psicanálise - Cap. I,II, IV,VIII e IX - 1938

O Ego e o Id - Cap. I e II - 1923.

Bibliografia: - Freud,S. -Obras Completas.

Laplanche, J. e Pontalis, J.B. - Vocabulário de Psicanálise.

PROFESSORES:

Aristides Costa Cicarelli
Maria Cristina Perdomo
Maria Rosa Maris Sales
Maria Teresa S. Rocco.

PROGRAMA DO 2º ANO DE 1992.

TEMA 1 - TEORIA TRAUMÁTICA.A SEDUÇÃO:

Bibl.Obrigatória: " OBSESSÕES E FOBIAS"- 1895

"NOVAS OBSERVAÇÕES SOBRE AS PSICONEUROSES DE DEFESA" - 1896(P.I eII).

Bibl.Auxiliar: " A SEXUALIDADE NA ETIOLOGIA DAS NEUROSES"-1898.

" MANUSCRITO E" -1894.

TEMA 2 - A PULSÃO, O DESEJO, O ÉDIPO I

Bibl.Obrigatória:" CARTA 69" - 21.09.1897.

" TRES ENSAIOS PARA UMA TEORIA SEXUAL" -1905(1º ensaio : Completo,2º ensaio: pontos 1,2,3,4 e 7, 3º ensaio: só ponto 5).

Bibl.Auxiliar: " OS SONHOS DA MORTE DE PESSOAS QUERIDAS" em INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS" -1900 - Carta 71 - 15/10/1897.

TEMA 3 - A HISTERIA NO CASO DORA

Bibl.Obrigatória: " FRAGMENTO DE ANÁLISE DE UM CASO DE HISTERIA" - 1905.

" ESTUDO COMPARATIVO DAS PARALISIAS MOTRIZES, ORGÂNICAS E HISTÉRICAS" - 1893 - Cap. IV (optativo).

TEMA 4 - A HISTERIA DE ANGÚSTIA EM JOÃOZINHO.

Bibl.Obrigatória : "ANÁLISE DA FOBIA DE UM MENINO DE CINCO ANOS" -1909.

" SOBRE AS TEORIAS SEXUAIS INFANTIS" - 1908 .Esclarecimento sexual 1907(optativo).

TEMA 5 - A NEUROSE OBSESSIVA NO HOMEM DOS RATOS.

Bibl.Obrigatória: " ATOS OBSESSIVOS E PRÁTICAS RELIGIOSAS"- 1907.

" CARÁTER E EROTISMO ANAL" - 1908.

" A PROPÓSITO DE UM CASO DE NEUROSE OBSESSIVA" - 1909.

" HOMEM DOS LOBOS " - CAP. VII.

TEMA 6 - AS PULSÕES E O ÉDIPO II.

Bibl. Obrigatória:"ROMANCE FAMILIAR DO NEURÓTICO" - 1909.

"SOBRE UM TIPO ESPECIAL DE ESCOLHA DE OBJETO NO HOMEM" - 1910.

" SOBRE UMA DEGRADAÇÃO GERAL DA VIDA ERÓTICA"- 1912.

TEMA 7 - O ÉDIPO E A CULTURA

Bibl. Obrigatória: "TOTEME E TABU " -1913.

TEMA 8 - O NARCISISMO

Bibl. Obrigatória: " INTRODUÇÃO AO NARCISISMO" - 1914.

TEMA 9 - O ÉDIPO E AS IDENTIFICAÇÕES

Bibl. Obrigatória: " LUTO E MELANCOLIA" - 1917

" PSICOLOGIA DAS MASSAS E ANÁLISE DO EGO" - 1921 -(CAP 7)

" O EGO E O ID " - 1923 (CAP.3)(CAP.1 E CAP 2 -OPTATIVO).

TEMA 10 - O ÉDIPO E A CASTRAÇÃO

Bibl.Obrigatória : " SOBRE AS TRANSMUTAÇÕES DA PULSÃO..." - 1917.

" ORGANIZAÇÃO GENITAL INFANTIL" - 1923"

" FINAL DO COMPLEXO DE ÉDIPO " - 1924.

" ALGUMAS CONSEQUÊNCIAS PSÍQUICAS DAS DIFERENÇAS SEXUAIS ANATÔMICAS " - 1925.

" INIBIÇÃO, SINTOMA E ANGÚSTIA " - 1926(4-5-6-7).

" SOBRE A SEXUALIDADE FEMININA " - 1931.

" A FEMINILIDADE " (NOVAS CONFERÊNCIAS INTRODUTÓRIAS PSICANÁLISE -1933).

PROFESSORES:

Ede de Oliveira Silva
Nora Miguelez
Oscar Miguelez.

PROGRAMA DO 3º ANO.

TEMA I - FREUD E KLEIN: Semelhanças e Diferenças.

TEMA II - A LINGUAGEM KLEINIANA : Uma Linguagem antes da linguagem.

TEMA III -A CLÍNICA PSICANALÍTICA KLEINIANA: Fundamentos Teóricos -Técnicos.

TEXTOS: 1º)A personificação nos jogos das crianças (1929) cap. 09. " Contribuições à Psicanálise".

2º)Simpósio sobre a análise infantil(1927) - Cap. 06 "Contribuições...".

3º)A Natureza e a Função da Fantasia - Suzan Isaacs - Cap. 03 - " Os Progressos da Psicanálise".

TEMA IV - CONCEITOS CENTRAIS:-

1º) Ego - Primitivo

Superego - Primitivo.

Complexo de Édipo Primitivo.

2º) Pulsão de Morte

a)Deflexão

b)Projeção.

3º)Sexualidade Agressiva, O Medonho e a Psicose

4º) Identificações Primárias e a Formação do Superego.

TEXTOS: 1º)Primeiros estágios do conflito Edípico e a formação do superego(1927) cap. 8 - " Psicanálise da Criança".

2º) Primeiras fases do complexo de Édipo(1928) cap.8

TEMA V - " CONTRIBUIÇÕES À PSICANÁLISE ".

Conceitos Gerais -

1º) A Teoria das Posições

2º) O impulso de vida e a Construção do Ego integrado e coeso.

3º)Os problemas da pulsão de morte e a desintegração.

4º)O narcisismo e a identificação projetiva: As defesas violentas.

TEXTOS: Notas sobre alguns Mecanismos Esquizóides (1946) cap. IX - " Progressos da Psicanálise".

Bibliografia Complementar:

1º) LA OBRA DE MELAINE KLEIN (vol I e II) Elsa el Valle Lugar Editorial - Buenos Aires (1986/87).

2º) MELAINE KLEIN I E II.

Jean Michel Petot - Estudos

Editôra Perspectiva- São Paulo (1987/88).

3º) POSIÇÃO E OBJETO NA OBRA DE MELAINE KLEIN - WILLY BARANGER

Editôra Artes Médicas (1981)

4º) DICIONÁRIO DO PENSAMENTO KLEINIANO

Hinshelwood - ED. Artes Médicas.

TEMA VI - A PROBLEMÁTICA DA POSIÇÃO DEPRESSIVA

TEXTOS: " A importância da Formação do Símbolo no Desenvolvimento do Ego " .(1930: in: " Contribuições à Psicanálise".

"Notas a respeito da Formação de símbolos" Hanna Segal, in: " A obra de Hanna Segal", Imago pg.77.

"Psicogênese dos estados Maníaco-Depressivos" (1934) in: "Contribuições..." pg.355.

TEMA VII - "ÚLTIMAS FORMULAÇÕES KLEINIANAS - Parte I : Em busca de uma epistemologia"

TEXTOS: " Sobre a Teoria Da Ansiedade e Culpa" (1948) in: "Os progressos da Psicanálise". Zahar pg.290.

" A Vida Emocional do Bebê" (1952) in : " Os Progressos da Psicanálise" pg.216.

TEMA VIII - "ÚLTIMAS FORMULAÇÕES KLEINIANAS - - Parte II"

TEXTOS: " Inveja e Gratidão (1957) in: "Inveja e Gratidão e outros trabalhos" 1946-1963 - IMAGO pg.205.

"Sobre a Identificação" (1955) in: " inveja e Gratidão..." Imago.

" Sobre o Desenvolvimento do Funcionamento Mental" (1958)

in : "Inveja e Gratidão..."

PROFESSORES:

Emir Tomazelli
Maria Luiza S.Persicano
Suzana A. Viana.

PROGRAMA DO 4º ANO.

TEMA I - PERVERSÃO

1. Lei, Perversão e Transgressão (A Perversão como Estrutura). Texto : Maria Helena Saleme.

2. A evolução do conceito de Perversão em Freud.

Textos: a) Tres ensaios para uma teoria sexual (1905)

b) Sobre alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na Paranóia e na Homossexualidade (1921).

c) A Pulsão e seus Destinos (1915).

d) Bate-se numa criança (1919).

e) O Problema econômico do masoquismo (1924).

f) O Fetichismo (1927).

g) A organização genital infantil. Adição à teoria sexual (1923).

3. Observações sobre a feminilidade e seus avatares - Piera Aulagnier.

TEMA II - PSICOSE

A- A Metapsicologia das Psicoses (em Freud).

1. Dois princípios do funcionamento mental (1911).

2. O Inconsciente (1915).

3. A cisão do ego no processo de defesa (1938).

4. Esboço de Psicanálise (1938).

B- A questão Edípica e a Psicose (em Freud).

1. Totem e Tabu (1912-1913).

2. Uma Introdução ao Narcisismo (1914).

3. Luto e Melancolia (1915).

4. Observações Psicanalíticas sobre um caso de Paranóia (Caso Schreber) (1911).

C - Observações sobre a Estrutura Psíquica.

Piera Aulagnier - Do Livro: Psicose - Uma Leitura Psicanalítica.

Cecilia Morelli Camargo
Homero Vitorazzo Filho
José Carlos Garcia
Maria Helena Saleme

TEMA III - PERVERSÃO E PSICOSE - DESENVOLVIMENTO KLEINIANO

1. Observações sobre a relação da homossexualidade masculina com a paranóia, a ansiedade paranóide e o narcisismo - H. Rosenfeld (1949).

2. Sexualidade Polimorfa adulta

Sexualidade Polimorfa infantil - Donald Meltzer (1913).

Sexualidade infantil perversa.

3. Nota a respeito da formação dos símbolos - Hanna Segal (1981).

4. Da psicopatologia do narcisismo: Uma aproximação clínica H. Rosenfeld (1964).

5. Abordagem Clínica da teoria psicanalítica dos instintos de vida e morte: uma investigação dos aspectos agressivos do narcisismo. H. Rosenfeld (1971).

6. Nota a respeito da psicopatologia dos estados confusionais nas esquizofrenias crônicas - H. Rosenfeld (1950).

7. A Psicopatologia da hipocondria - H. Rosenfeld (1964).

8. Notas sobre a teoria da esquizofrenia - W. Bion (1954).

9. Desenvolvimento do pensamento esquizofrênico - W. Bion (1955).

10. Diferenciação das personalidades psicóticas e não psicóticas - W. Bion (1957).

11. Sobre a arrogância - W. Bion (1957).

PROFESSORES:

Armando Colognese

SUB-COMISSÕES:

EVENTOS

A Comissão de Eventos, composta por Berenice Neri Blanes, Elza Mendonça de Macedo, Lindolfo Baptista Neto, Maria Helena Saleme, Maria Teresa Scandell Rocco, Oscar Miguelez e Susana Alves Viana, programou a realização de duas reuniões mensais - uma clínica e outra teórica - que acontecerão sempre às 2^{as} ou 3^{as} feiras no Sedes, na sala 6 às 20:30 horas.

Além desses encontros sistemáticos, a comissão está trabalhando no sentido da constituição de grupos de estudos com temas que serão definidos no percurso do trabalho.

PUBLICAÇÃO

A Comissão de Publicação, composta por Ede de Oliveira Silva, Emir Tomazelli, Maria Luiza Scrosoppi Persicano e Claudia Paula Leicand, coloca-se à disposição dos colegas que quiserem colaborar.

No caso de desejarem enviar artigos para publicações, o critério é de 5 a 10 páginas datilografadas em espaço 2. Quanto a leituras, informes e atividades deverão ser previamente remetidos datilografados à comissão, para que esta tenha tempo hábil para a publicação no Boletim.

ATIVIDADES:

Dia 07 de abril (3ª Feira)

Maria Cristina Perdomo

Apresentação e Discussão de material Clínico.

Dia 27 de abril (2ª Feira)

Suzana Alves Viana

" Sobre a Problemática da Contra-Transferência na Clínica Psicanalítica: Um recorte. Uma Reflexão." Discussão teórico-clínica que poderá ser continuada através da constituição de grupo de Estudo.

Nota: A questão que atravessa e abre este grupo é: contratransferência contra a transferência? ou contratransferência a favor da transferência? Em outras palavras, o que se deseja neste grupo é percorrer a questão do lugar do analista na transferência e seus avatares, os enfrentamentos, os distanciamentos, os estranhamentos, bem como as colagens, nas quais o analista se sente submetido ou submetendo quando procura um lugar para escutar um tempo: aquele da história contada na transferência. O encontro acontecerá a cada 15 dias e deverá ter início em maio de 1992.

Dia 05 de maio (3ª Feira)

Marília de Freitas Pereira

" Terapia Familiar: Diagnóstico e Indicação".

Discussão de material clínico.

Dia 18 de maio (2ª Feira).

Durval Mazzei Nogueira Filho

" O Freud de Lacan" - Palestra de apresentação e Introdução a um grupo de trabalho planejado para o 2º semestre.

- ATENÇÃO -

Para viabilizar a continuidade das atividades, pedimos a colaboração de CR\$ 5.000,00 para cada encontro.

LEITURAS:

TEMA: VIOLÊNCIA DO ENCONTRO

O homem surgiu, e, junto com ele surgiram as histórias e as analogias. Como pertencem a espécie

Homo Sapiens, não posso fugir a estas generalizações, portanto tenho histórias para contar e analogias para fazer.

Isto me faz lembrar de dois encontros que tive, com alguns anos de diferença entre eles e que tiveram características insólitas pelos sentimentos em mim mobilizados. Estou na realidade falando do meu encontro com o "Projeto" (Freud 1895) e com a " Violência da Interpretação" (Piera Aulagnier 1975). Noventa anos separam um trabalho do outro porém as emoções não levaram em conta tal hiato.

Não sei exatamente qual a ponte que se criou em minha mente com a leitura dos dois textos, porém o que lembro são as emoções suscitadas. Tenho algumas explicações que não me satisfizeram, como: a densidade e complexidade de ambos; a massa enorme de informações em tão pouco espaço; a maneira como ambos foram escritos que não dá margem para que o leitor desavisado respire ou descanse entre uma palavra e outra, entre uma frase e a seguinte ou entre os períodos, deixando-o atônito e desorientado. Mas será que é por conta disto que são mobilizadas emoções tão intensas? Como faço parte também da espécie do "Homo Psicanalítico", não me furtei a uma interpretação, mas gostaria de comentá-la mais tarde. No primeiro contacto o impacto foi tanto que tive vontade de deixá-los de lado e foi o que realmente fiz com ambos. Deixei-os de lado com um misto de raiva, cansaço e irritação. Mesmo que se saiba que ambos são textos basicamente metapsicológicos e que a metapsicologia é um terreno árido e difícil de se caminhar, acho que estes trabalhos têm algo a mais que nos sobrecarrega e este algo a mais são as emoções e os sentimentos suscitados. Estas reações são consequência de se sentir violentado a cada momento e é por isso que se tem necessidade de uma parada inicial. Num segundo momento é aconselhável que se volte ao texto lentamente ou que apele a um amigo para minimizar o impacto e foi o que fiz. Desta maneira você vai caminhando lentamente, desafiando a cada momento os perigos encontrados pelo caminho. Porém, a medida que, nesta viagem, vamos desbravando, página por página, capítulo por capítulo, e penetrando gradativamente nas emaranhadas florestas do pensamento de ambos autores, um novo sentimento aos poucos vai surgindo. Um sentimento de

perplexidade, encantamento e fascinação, de tal maneira, que dificilmente se consegue sair deles. Basta dizer que em um permaneci três anos e no outro já estou há um ano. Vejo agora que para passar para o segundo momento, tem-se de vencer um sentimento muito maior, a inveja de não tê-los escrito. Apesar de todos acidentes de percurso aconselho estas duas viagens, porém não me responsabilizo pela integridade dos leitores. Não acredito que alguém saia ileso após tal percurso, não acredito que alguém seja o mesmo depois de lê-los, portanto ame-os ou deixe-os.

Ede de Oliveira Silva.

Professor do Curso de Formação em Psicanálise.

III - ARTIGOS:

QUEM SOU EU, AGORA QUE HANNA ESTÁ AÍ? (A fobia e o caso do pequeno Hans).

Dentre os diversos casos analisados por Freud, destaca-se pela importância teórica o caso do pequeno Hans, como passou a ser conhecido no meio psicanalítico o *Relato da Análise da fobia De Um Menino De 5 Anos* (1909).

Das primeiras observações de Hans, quando ainda não tinha completado 3 anos de idade, chama a atenção a frase enunciada por ele: "Mamãe, você também tem esta coisinha de fazer pipi? Ao que a mãe responde: Naturalmente" (Freud, 1909).

Essa fala remete à questão fundamental que o pequeno Hans se colocava com veemência: ter ou não ter pênis. Mas, ao falar em pênis, do que está falando o pequeno? Sua pergunta encerra uma preocupação relativa a ter ou não ter um órgão, anatomicamente falando? Ou sua preocupação está referida a outra coisa? Por que tal pergunta é tão importante para ele e para todas as crianças que a enunciam?

Muito tempo se passou, da época da interpretação do caso por Freud até os dias de hoje. Muito se falou e se escreveu sobre o caso. Autores

contemporâneos, notadamente os da chamada vertente psicanalítica francesa - referência adotada neste trabalho - trouxeram interessantes contribuições para uma nova compreensão desta questão e de outros fatores envolvidos no chamado *complexo de castração*, mas também uma nova forma de interpretar a questão da fobia, notavelmente ilustrada no caso do pequeno Hans.

Nos três ensaios, Freud enfatiza de forma original a importância do outro na estruturação do psiquismo. A idéia lá apresentada tem sido bastante desenvolvida nos escritos sobre a psicanálise e hoje tem-se uma relativa compreensão sobre vários dos aspectos envolvidos nas relações que o ser humano estabelece no início da vida. Essas relações dão-se num contexto característico, isto é, a criança encontra-se num estado de desamparo frente a um outro que pode aplacar tal estado, através dos cuidados a ela dirigidos. Paralelamente aos cuidados físicos exercidos sobre a criança, esta recebe um intenso investimento afetivo e libidinal por parte de quem cuida dela. Diz Freud:

"A relação de uma criança com quem quer que seja responsável por seus cuidados proporciona-lhe uma fonte infindável de excitação sexual e de satisfação de suas zonas erógenas. Isto é especialmente verdadeiro, já que a pessoa que cuida dela, que afinal de contas, em geral é sua mãe, olha-a ela mesma com sentimentos que se originam de sua própria vida sexual, ela acaricia-a, beija-a, embala-a e muito claramente a trata como substitutivo de um objeto sexual completo.⁽¹⁾

É um momento no qual a mãe parece ver esta criança como algo que a completa totalmente: um falo. A criança parece ser reconhecida não como um ser de vida própria, mas principalmente como objeto revestido pela imagem remanescente do narcisismo materno, após um longo período de perdas. É assim que esta criança assume um aspecto imaginário, que parece restituir à mãe as perdas que teve de enfrentar e é neste contexto e com este papel que a criança inscreve-se na complexa trama estruturada pelo desejo materno. Só resta a esse ser, totalmente dependente e desamparado, responder a esse desejo, identificar-se com esse lugar de completude que lhe

⁽¹⁾ *Três ensaios para uma teoria sexual*

é atribuído pela mãe e assim se encontrar num lugar de total amparo, no qual ela se torna a mãe toda-poderosa e completa. A percepção de possuir tal poder a faz também onipotente. Tal é a dinâmica da chamada identificação primária ou narcísica. As mensagens que a mãe lhe passa, decorrentes dos investimentos narcísicos, conferem-lhe essa vivência de onipotência. A mãe compraz-se em ver seu bebê dormindo, saciado. A criança, ao se alimentar, está garantindo a sua sobrevivência, mas está também respondendo ao desejo da mãe de que se alimente.

Se a mãe tem tal desejo, nunca a deixará passar fome. Fica claro aqui o papel deste engodo de plenitude, por parte da criança, isto é, o de disfarçar sua condição de desamparo. Por parte da mãe, é como se ela tivesse a ilusão de que esse filho lhe devolveria a completude para sempre perdida, à qual teve que renunciar para inserir-se no universo humano da simbolização e da cultura (cutellus = cutelo, corte).

Isso remete a uma questão relativa ao ser humano, no que diz respeito às estruturas clínicas. Como seria se houvesse uma total resolução edípica? Como o desamparo do filho poderia ser atenuado, se não através da ilusão descrita acima? Em outras palavras, tem que haver um residual de felicidade na mãe para que este inevitável engodo se crie e dê um lugar a esse filho, ainda que num primeiro momento o de bebê-boneca, etapa necessária, porém não suficiente, para ascender à condição humana.

Voltando nos anos: quando criança essa mulher-mãe, como ensina Freud, abandonou, ao deparar-se com a mãe castrada, o investimento libidinal a esta e voltou-o ao pai, na medida em que este, por ocupar um lugar no desejo da mãe, apresenta-se como possível doador do pênis-falo desejado.

A feminilidade instaura-se a partir do momento em que o anseio pelo pênis é substituído pelo desejo de ter um filho, identificando-se assim a menina com sua mãe. E esse filho, ao existir, assume para a menina, agora mulher-mãe, a condição imaginária do falo desejando (apoiado na antiga inveja do pênis, enquanto órgão propiciador da felicidade). Ainda persiste uma ilusão imaginária de completude." Se

eu tiver um filho, estarei completa, apesar de não ter um pênis".

O engodo de plenitude que se estabeleceu entre a mãe e seu filho vai se revelando enquanto tal e, conseqüentemente, desmancha-se. A experiência ilusória de preencher a falta, na qual o psiquismo da mãe está estruturado, em se tratando do campo da neurose, já foi demasiadamente frustada. A conclusão que se impõe é a impossibilidade. A mãe dá-se conta de que, como outros objetos, este bebê também não a completa inteiramente. A realidade impõe-se frente à frágil relação dual. A ilusão dá lugar à desilusão. A mesma criança que imaginariamente a completava, agora remete-a à sua falta e, de acordo com o mesmo modelo que utilizou ao renunciar à sua própria mãe para procurar no pai o pênis desejado, atualiza-o através de outros investimentos. Do outro lado, a criança não encontra mais na atitude da mãe aquele lugar (Fálico), ocupa apenas mais um lugar, entre vários outros para o qual orienta-se o desejo materno.

Esse processo inscreve-se no psiquismo infantil para sempre, como um traço, uma marca, que inaugura a existência da criança como sujeito. O bebê vê-se lançado num não-lugar. "O que ser, além do falo da mãe?" É, talvez, a pergunta que se faça neste momento. A angústia manifesta-se. É no próprio discurso da mãe que o enfant re-encontrará um lugar, agora seu, não mais como objeto do desejo de um outro. O lugar anterior está inacessível, para sempre perdido.

Na medida em que a criança percebe que a mãe designa um outro como importante para ela, abala-se. Quando a mãe diz: é teu pai, o filho questiona-se: o que é ele para ela?. Eu não lhe basto? Descobre que a mãe também depende de um outro, enquanto suporte de seu desejo e isto faz com que não a veja mais segundo a óptica da onipotência. A identificação narcísica é questionada pela criança: minha mãe precisa de algo, eu não sou esse algo e nem o tenho, alguém deve tê-lo, é o pai que ela me apresenta. Dessa forma o pai é suposto deter o objeto do desejo da mãe.

A relação está agora trinificada. Poderia ter-se prolongado no sentido dual, onde um não seria nada mais do que a continuidade e o complemento do outro (tal como ocorre nos casos de psicose). A

função do pai separa a criança da mãe, interdita a fusão-confusão original, inaugurando a complexa questão da castração. O filho deixa de ser a coisa da mãe, um objeto de fabricação exclusivamente materna.

Entretanto, a função paterna só se exerce enquanto interditora na medida em que sua importância estiver inscrita no psiquismo da mulher-mãe, que reconhece que necessita de um homem para poder fazer um filho. A dupla interdição, vinculada à função paterna e fundadora da cultura, " não deitarás com sua mãe" e " não re-integrarás teu produto", só pode ser ouvida se a interdição do incesto vem marcar tanto o homem quanto a mulher, que formam o par parental.

A função paterna que se introduz na relação confusa, fundida e desordenada da mãe com a criança serve, de agora em diante, como um suporte em torno do qual a criança irá se organizando como sujeito. Depara-se com a lei - "não deitarás com tua mãe" - da qual o pai é o representante.

A função paterna irá marcar o lugar do filho no desejo da mãe. Essa função destitui a mãe de seu filho-falo; então ela, privada do mesmo, pode buscá-lo naquele que o detém. A criança, igualmente desprovida de seu lugar fálico, poderá cobiçá-lo lá, onde a mãe o indica.

Tal jogo fálico está na base das identificações, agora não mais narcísicas. Há diferenças relativas ao sexo da criança quanto a essas identificações. O menino renuncia ser o objeto de desejo da mãe, recalca seu desejo neste sentido e identifica-se com o pai, que supostamente tem o falo. A menina também renuncia ao seu desejo em relação à mãe, abrindo-se desta forma a possibilidade de identificar-se com ela, buscando no pai aquilo que, como a mãe, não tem.

Tudo se passa dessa forma em se tratando do campo da neurose, enquanto estrutura clínica. Os problemas que daí decorrem vão levar a uma das três possibilidades neuróticas: histeria, fobia e neurose obsessiva.

Na continuidade, se abordará a fobia, principalmente no que diz respeito à angústia e a

toda problemática identificatória presente nesse tipo de estrutura.

"Quem sou eu agora que Hanna está aí"?, pergunta-se o pequeno Hans. Esta pergunta abre a possibilidade de pensar em algumas questões:

1. Como entender o nascimento de Hanna na articulação com o aparecimento da fobia de Hans?

2. Como compreender o sintoma fóbico: o cavalo? Na interpretação de Freud, o nascimento de Hanna remete à questão das diferenças sexuais entre homens e mulheres como o aspecto de destaque. Porém, poder-se-ia entender que com o nascimento da irmã, o pequeno Hans perde seu lugar no desejo da mãe, que até então ocupará, o de ser aquele que a completava, seu falo, agora substituído por Hanna. Se poderia pensar que a vinda de Hanna articula a questão da interdição ao desejo materno. Logo, o pequeno Hans volta-se na busca de ocupar um outro lugar, lugar este que poderia encontrar voltando-se para o pai enquanto possibilidade identificatória. Essa possibilidade não se concretiza no presente caso, uma vez que o pai não está suficientemente presente no discurso da mãe, enquanto interditor. É claro, no historial, o aspecto claudicante da interdição paterna. O pai interdita, porém a mãe faz muitas vezes o contrário, quando vê seu filho tomado pelo terror noturno. A mãe não confere a força suficiente à figura paterna, para que o menino encontre um sustentáculo sólido onde se refugiar ao dar-se conta de que não é o único objeto do desejo materno. A relação dual entre ele e a mãe rompe-se, definitivamente, ao que parece, com o nascimento da irmã. É uma função paterna interditora, que se estabelece.

Separa-se da mãe, mas não encontra um lugar para se refugiar, se apoiar através da identificação, vê-se mergulhado num não lugar, num abismo; não encontra uma indicação da mãe que agora, com o nascimento da irmã, encontra-se novamente mergulhada numa relação narcísica com a filha.

Pobre Hans, arrancaram-lhe de seu lugar mas não lhe ofereceram um atenuante, um outro recurso que lhe dê segurança. O caminho é feito apenas até a metade. A partir daí encontra-se sozinho frente ao próprio destino. Tem que buscar uma saída por si só e a encontra, ainda que num cavalo que condensa todas as possibilidades pelas quais o sujeito Hans possa organizar sua entrada no mundo simbólico. A partir daí coloca-se como fundamental a tentativa de entender o que representa o cavalo, enquanto ordenador e organizador do caos no qual o garoto está mergulhado. Nesta audaciosa empresa, F.Perrier pode servir como referência.

Escreve ele:

"Quem sou eu agora que Hanna está aí?, pergunta-se o pequeno Hans".⁽²⁾

Nesta perspectiva o cavalo começa a propor-lhe o dilema: pai ou mãe, homem ou mulher, penis ou nada.

Nada, diz Freud, pois no caminho de postular a vagina, não podia contudo resolver o enigma, dado que dentro de seus conhecimentos não existia nada semelhante ao que seu pênis reclamava.

Esta ausência de significante fêmea - para citar uma expressão recente de Lacan - é o que faz do cavalo o enigma angustiante da imagem do corpo, dessa imagem corporal que é o primeiro eu de Hans, como seu eu e entretanto sua mãe e também seu pai.

A imagem fóbica é o eu imaginário projetado na solicitação narcisista que ela expressa, no enigma angustiante que ilustra, impondo a Hans inegavelmente a pergunta: "Convertendo-me em cavalo sou menino ou menina"? Tudo acontece como se se tratasse de uma imagem onírica cujo conteúdo manifesto é reconhecido e secundariamente redescoberto na realidade. O eu imaginário não é redutível à sua ilustração especular.

Diremos que a fobia sobrevém no preciso instante em que o lugar como sujeito na situação edípica é brutalmente questionado por um acontecimento que desloca uma gestalt frágil, na qual as relações narcisistas prevaleciam sobre as relações objetais.

A rua é acaso, para o agora fóbico, esse espaço vazio anônimo em que o sujeito se perde, em que não se reconhece, dada a impossibilidade de ser reconhecível e reconhecido nela, por carecer de uma imagem de identificação assumível".

Talvez uma outra forma de se interpretar a escolha do cavalo, enquanto objeto fóbico, poderia ser feita adotando-se a postura de Cabas, referida à leitura de Lévi-Strauss relativa aos mitos, que se fazem presentes também no caso de Hans. A Antropologia registra, como já é de conhecimento estabelecido, a presença de mitos nas chamadas comunidades primitivas. Considerando que Hans e seus amiguinhos também constituem-se em uma comunidade primitiva, o cavalo poderia ser visto e interpretado como sendo um totem. Hans está envolvido num sistema mítico, no qual o cavalo não se afigura apenas como tema principal dos jogos e prazeres que ele (cavalo) propicia, mas também se defronta com o perigo e a ameaça implícita (queda e machucado de Frederico, ameaça de morder - e, portanto, de amputar - os dedos de Liza). Na mitologia infantil, então, o que representa o cavalo? Num sistema que articula prazer com perigo, que vincula o desejo com o castigo, comprometendo

⁽²⁾ F. Perrier

assim o órgão do prazer com a organização da proibição", no dizer do próprio Cabas.⁽³⁾

Um aspecto que foi apenas tangencialmente tocado neste trabalho é o da angústia, conceito insubstituível, na medida em que o eixo de resolução edípica começou a ser referido ao complexo de castração. Para não deixar de mencioná-lo acrescentam-se algumas definições de angústia, propostas por Yafar⁽⁴⁾:

1. A angústia não é coisa simples de apreender. Isto pode ser pensado em função das considerações lacanianas de que a angústia não é imaginável nem simbolizável. Há uma dificuldade de estrutura que diz respeito à inapreensibilidade ou não do registro do real.

2. É algo sentido, pelo que a colocamos na linha dos sentimentos, ou melhor, dos afetos. Assim também define Lacan na primeira classe do Seminário sobre o tema.

3. É um desprazer muito particular quase inapreensível, com algo de inacessível, de indefinível, ligado, como mencionamos, ao sinistro, algo que se situa mais além do princípio do prazer - o que Freud chama de demoníaco. Pensamos então na angústia dos pesadelos, por exemplo.

4. Está ligada a descargas corporais. Ao corpo no que este tem de mais visceral: o respiratório e os fenômenos cardíacos.

5. Direta relação com o tema do luto e com um dado clínico importantíssimo, que é a dor.

A título de encerramento, está claro que o que foi dito neste texto alude a inúmeros aspectos não ditos, que requereriam maior aprofundamento para uma melhor compreensão da fobia. No limite das possibilidades atuais, este trabalho encontra-se no passo inicial do longo caminho para o entendimento da complexa estruturação do psiquismo humano e suas vicissitudes.

⁽³⁾ A função do falo na loucura

⁽⁴⁾ El caso Hans: lectura del historial de Freud

BIBLIOGRAFIA

SAURI, J. (compilador) - Las fobias - Buenos Aires, Ed. Nueva Vision, 1984.

CABAS, A.G. - A função do falo na loucura. - Campinas, Papirus, 1989.

THIS, B. - O pai - Porto Alegre, Artes Médicas.

MELMAN, C. - Estrutura lacaniana das psicoses - Porto Alegre, Artes Médicas, 1991.

DOR, J. - Introdução à leitura de Lacan. - Porto Alegre, Artes Médicas, 1991.

MALLET, J. - et alli - Las fobias - Buenos Aires, Nueva Vision, 1984.

GREEN, A. - Narcisismo de vida e narcisismo de morte - São Paulo-Escuta, 1988.

YAFAR, R.A. - El caso Hans - Lectura del historial de Freud - Buenos Aires, Nueva Vision, 1991.

FREUD, S. - Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, São Paulo, Imago, 1977. As neuropsicoses de defesa (1894) Vol.3

Tres ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905)-Vol.7.

Análise de uma fobia de um menino de 5 anos (1909)-Vol.10.

Totem e Tabu (1912/1913)- Vol.13

O Sinistro (1919)- VOL.17

Inibição, sintoma e ansiedade (1925/1926) -Vol. 20.

AUTORES:

Anete M.B. Fernandes
Ario Borges Nunes Jr.
Chica H. Guimarães.
Cynthia Lopes Peiter
Ieda Gomide Moreira dos Santos.
José Carlos de Matos.
Jucelaine Hernandes Veger.

(Alunos do 2º ano do Curso de Formação em Psicanálise).

DA LINGUAGEM DOS AFETOS LINGUAGEM SIMBÓLICA.

Articulação dos Conceitos de Objeto e Pulsão,
Luto e Símbolo na Obra de Melanie Klein".

DORES DO MUNDO

"Assim como um regato corre sem ímpetos, enquanto não encontra obstáculos, do mesmo modo na natureza humana, como na natureza animal, a vida corre inconsciente e descuidosa, quando coisa alguma se lhe opõe à vontade. Se a atenção desperta, é porque a vontade não era livre e se produziu algum choque. Tudo o que se ergue em frente da nossa vontade, tudo o que a contraria ou lhe resiste, isto é, tudo que há de desagradável e de doloroso, sentimo-lo ato contínuo e muito nitidamente. Não atentamos na saúde geral do nosso corpo, mas notamos o ponto ligeiro onde o sapato nos molesta; não apreciamos o conjunto próspero dos nossos negócios, e só pensamos numa ninharia insignificante que nos desgosta. - O bem-estar e a felicidade são portanto negativos, só a dor é positiva.

Não conheço nada mais absurdo que a maior parte dos sistemas metafísicos, que explicam o mal como uma coisa negativa; só ele, pelo contrário, é positivo, visto que se faz sentir... O bem, a felicidade, a satisfação são negativos, porque não fazem senão suprimir um desejo e terminar um desgosto.

Acrescente-se a isto que em geral achamos as alegrias abaixo da nossa expectativa, ao passo que as dores a excedem grandemente.

Se quereis num momento esclarecer-vos a este respeito, e saber se o prazer é superior ao desgosto, ou se apenas se

compensam, comparai a impressão do animal que devora outro, com a impressão do que é devorado.

*(Schopenhauer - Dores do Mundo
Coleção Universidade Ed. Tecnoprint
Ltda Rio de Janeiro).*

Para Freud desejo é o movimento libidinal que se estabelece a partir da experiência de satisfação, que deixa uma marca mnêmica. Toda vez que retorna a necessidade, a libido tende a percorrer este caminho, tentando recarregar esta marca mnêmica buscando a identidade de percepção.

Para Freud a libido não traz em si a expectativa do objeto, fará uma colagem a ele, pois em sua teoria há uma prevalência do objetivo da pulsão (descarga) sobre o objeto. O objeto da experiência de satisfação será o objeto do desejo. Esta primeira experiência de um objeto que gratifica a pulsão libidinal marcará, mas o objeto só será reencontrado mais tarde, após um longo desenvolvimento de soldadura, onde as pulsões parciais se sobressairão umas sobre as outras e acabarão sendo unificadas sob a primazia da genitalidade.

Freud trabalha assim com um objeto da pulsão libidinal, embora em 1920 em "Além do princípio de prazer", reconheça a existência da pulsão de morte, entendida como pulsão em estado bruto; que são as excitações intensas, despertadas por estímulos internos e externos que atingem o aparelho psíquico, provocando agudas sensações de desprazer, porque não se encontram dominadas, isto é não vinculadas, não representadas, o que as dotaria de uma força mortal. E considera que esta fica silenciosamente dirigindo o indivíduo para morte e que só através da atividade da pulsão de vida é que esta força mortal será domesticada, através de um princípio regulador (princípio do prazer), que ligue que vincule, que de representabilidade psíquica a essa pulsão, a essa energia intensa e bruta. É para poder dominar essa força mortal que, a princípio essa será projetada para fora e aparecerá sob forma de impulsos destrutivos dirigidos contra objetos do mundo externo.

Mas já em 1915, antes mesmo de postular a pulsão de morte como opositora da pulsão de vida neste jogo dialético, já citava: "o ódio enquanto relação de objeto é mais velho do que o amor. Deriva

do repúdio primordial do ego narcísico ao mundo externo com seu fluxo de estímulos" (As pulsões e suas vicissitudes - 1915). Freud, já neste momento não considerava que existisse representação mental da pulsão de morte. Para Freud a memória não tinha vida, ganhava vida quando fazia ligação, quando carregada de afeto, investida libidinalmente e dotada de representação psíquica. Já Melanie Klein percebe que a memória a princípio é viva. Com isto ela dá mais profundidade a teoria econômica do psiquismo. O que caracteriza o inconsciente é a fantasia que é um processo dinâmico, contém o econômico mas se desloca dele.

Podemos entender em Melanie Klein que este desinvestimento, esta pulsão irrepresentável é substituída pela projeção no objeto, como forma de representá-la. E postula que toda projeção leva novamente a uma introjeção, de maneira que se situa dentro do sujeito, todos os objetos maus, desagradáveis e destrutivos que projetou no mundo externo. " Assim a destrutividade para com o objeto primário não é apenas como descreveu Freud um desvio da destruição de si para o exterior. O desejo de aniquilamento está desde o começo dirigido contra o objeto percebido, e o self que percebe, quase indistinguíveis um do outro " Hanna Segal.

Desta forma a teoria de Melanie Klein é simultaneamente uma teoria das pulsões e uma teoria das relações objetais, já que o sujeito e objeto a princípio são indistinguíveis. Estas relações objetais representadas e dramatizadas na fantasia inconsciente é a própria memória viva.

Nas concepções Freudianas, as pulsões regem o acontecimento psíquico sem estarem elas próprias diretamente presentes no aparelho psíquico, sendo apresentadas através das representações dos afetos. Para Klein as fantasias são o conteúdo primário dos processos inconscientes, têm uma relação fundamental com as vivências corporais, que se expressam nas imagens mentais e mais tardiamente em representações verbais. São elas que dirigem as pulsões rumo aos objetos. Constituem igualmente o estofo mental daquilo que é descrito como mecanismo. Se para Freud o psiquismo se estrutura sobre traços ideativos, para Melanie se faz sobre traços afetivos.

Para Melanie Klein a pulsão traz em si a expectativa do objeto e sua contribuição neste encontro será sua forma particular de reagir a ele e de constituí-lo. O primeiro objeto, o seio da mãe, não seria a partir disto, o seio da maternagem, mas sim o da mãe mítica. A mãe, a qual o bebê já trouxe em parte no nascimento, deixando a outra parte - a perceptiva - para ser construída neste relacionamento.

É como se o bebê viesse ao mundo com duas potencialidades já formadas. Algo como um campo para reagir ao seio bom e um para o seio mau, que poderia ser entendido respectivamente como a capacidade inata de usufruir e apreciar as boas experiências, e assim constituir um seio bom, e um baixo limiar de tolerância a frustração, somado a incapacidade de reconhecer seus desejos agressivos, que serão projetados no seio, constituindo-o como um agressor intencional. O que, em " Além do princípio do prazer", Freud denominou a dualidade pulsão de vida e pulsão de morte.

Como na concepção de Klein as pulsões são inerentemente ligadas a objetos, supõe-se que as relações com objetos externos tornem-se o foco da fantasia inconsciente logo que alguma forma de atividade mental seja possível.

Melanie situa a pulsão de morte numa posição central, como organizadora do psiquismo humano, justamente por ser fator de exigência de trabalho, por ameaçar invadir e aniquilar o ego no momento do nascimento, devido a desfusão das pulsões. A perda da unidade e homeostase com a mãe, mergulha o bebê num mundo abrasador de necessidades, ou em outras palavras, fica sujeito a estímulos externos e internos que não é capaz de dominar e de representar, interpretando como ameaça de morte. Enclinando o organismo a destruir esta percepção.

O primeiro movimento para se reassurar contra estes perigos que ameaçam o ego de dentro de si mesmo, é cindir o id e projetar parte da pulsão de morte no objeto. O quantum de pulsão de morte ainda livre dentro do organismo, se funde então à libido, caracterizando o sadismo.

O seio, como primeiro objeto que se oferece a satisfazer e apaziguar as necessidades que surgem

com o nascimento é o objeto por excelência que receberá o impacto da pulsão de morte e será constituído como um perseguidor externo e interno. Melanie Klein chama a atenção se este movimento de cisão do id não seria semelhante ao que Freud chamou de repressão primária, justamente porque nesta incorporação do objeto, ele vai se opor a morte psíquica do organismo, disto derivando que o primeiro objeto é um objeto superegótico, que tem força catéctica contra a pulsão de morte. A repressão primária faria a primeira exigência superegótica, impedindo o livre curso das pulsões e instituindo o desejo.

No entanto, não se pode esquecer, que para Freud a repressão primária ocorreria sobre a pulsão libidinal, impedindo-a de investir na memória, que realiza o desejo mas não satisfaz a necessidade, levando a morte do organismo. A repressão primária Kleiniana seria sobre a pulsão de morte, como uma suposição de que sem um anteparo à pulsão de morte, a vida não surgiria. O superego se constitui assim da mesma potência destrutiva que o id, e se dirige ao mesmo objeto que o id, se dirige ao ego-que tem uma escapatória, o objeto. É deste paradoxo que nasce o indivíduo.

Melanie começa assim num momento anterior à satisfação da necessidade. Começa na representação da própria necessidade e acredita que o desejo, que é montado em cima da experiência de satisfação e que projeta um seio inexaurível a ser cobiçado, já seria uma idealização em resposta as ansiedades persecutórias já vividas. "A idealização excessiva indica que a perseguição é a principal força propulsora" (Inveja e gratidão 1957).

Para Melanie a libido que atua desde o início, se manifesta como sustentáculo, dá possibilidade de criar um mundo mental, mesmo que este seja um cenário horrível de ameaças e usos de defesas extremas, onde aparentemente existe pouca representação da pulsão libidinal, mas é a libido que está propiciando estes esforços na tentativa de formar representações, de unir e compreender.

Então se para Freud o objeto é o objeto do desejo, da pulsão libidinal, para Melanie Klein o objeto é o objeto da pulsão de morte. O ego primitivo se vê submerso no conflito de necessitar o objeto que

odeia e teme, que deverá ser construído como objeto do desejo.

Este ego primitivo, confrontado com exigências tão vitais e tão contraditórias não teria outro recurso que não o uso de defesas precárias e extremas, como o mecanismo de cisão do objeto e dos impulsos, idealização e negação da realidade externa e interna, na tentativa de manter o mais separado possível seu objeto de necessidade do seu objeto de ódio. Embora em certa medida estas defesas aumentem grandemente o sofrimento, (já que na vigência da experiência com o seio ruim, exista amnesia do seio bom, que satisfaz, vivenciando o tempo do eterno presente) propicia, por outro lado, que frente a um ego tão primitivo, incapaz ainda de lidar com situações mais complexas possa ser conservada e plenamente vivenciada a experiência com o seio bom. Que não haja uma contaminação que torne impossível a diferenciação do bom e do mau.

Contudo nenhuma destas defesas preenche inteiramente o seu propósito, continuando ativa a ansiedade de ser interiormente destruído e pressionando no sentido de contínuas projeções e, portanto, a cada fantasia sádica específica, corresponde uma fantasia de ansiedade que lhe é idêntica em seus mínimos detalhes e na qual o sujeito sofre aquilo a que, nas fantasias sádicas, submete seu objeto.

Se esta primeira tentativa de defesa, primeira tentativa de investimento objetual ou de representação psíquica, este "splitting" organizador, não der conta, o ego pode recorrer ao desinvestimento objetual e fragmentar como forma de obter uma dispersão dos impulsos destrutivos, considerados como fonte de perigo.

Melanie Klein fala de momentos de fragmentação alternando-se com momentos de maior integração. Caso esta fragmentação seja muito intensa e profunda já se está no campo da psicopatologia, o que caracteriza o quadro da esquizofrenia.

Se é a constituição de um objeto bom que exerce desde o início uma influência fundamental sobre os processos de integração, de investimento libidinal objetual, atuando como ponto focal no ego, compensando de certa forma os processos de divisão

e dispersão, é, por outro lado a incapacidade de constituir firmemente este objeto que estaria na base da tendência à desintegração. A cisão constituinte do objeto bom e mau é substituída, então, pelo objeto extremamente idealizado e extremamente persecutório.

Klein é levada a pensar sobre isto e postula a inveja primária como a forma mais insidiosa de manifestação da pulsão de morte.

Parece que parte da agressividade inicial, proveniente da separação do bebê de sua mãe no nascimento, é experimentada como inveja, porque tudo que faz o bebê sentir-se confortável parece pertencer ao mundo externo - a mãe.

Começando pela necessidade do bebê, não há dúvidas de que ele deseja que façam parte de si os objetos gratificantes dos quais ele necessita para sobreviver. Sua descoberta inicial do aparecimento e desaparecimento do objeto irá incitá-lo a desejá-los como partes de si mesmo, do único modo que ele é capaz, o concreto. A frustração de não ser capaz de manter sempre o objeto consigo aumentará o seu desejo de possessão, que se alcançar grande intensidade, tornar-se-á voracidade. A frustração, a raiva e a ansiedade resultantes da não possessão dos objetos gratificantes desejados levará ao desejo de despojar o outro que contém os objetos desejados, pois o outro está agora num estado de não dor ou prazer, um estado anteriormente experimentado pelo bebê. O desejo não é apenas de possuir o objeto, mas de privar o outro, do mesmo modo como ele está privado. Isto é a inveja. A inveja ataca o outro na sua capacidade de ter prazer, de usufruir. A inveja suscita o ódio pelo objeto bom.

O objeto assim atacado perde seu valor. A inveja excessiva aumenta a intensidade destes ataques e sua duração, tornando mais difícil para o bebê a recuperação do objeto bom perdido. Quando estes estados negativos são transitórios o objeto é recuperado a cada vez. E com o desenvolvimento através dos processos de projeção e introjeção o ego vai paulatinamente rumo a uma maior integração.

Este outro momento, onde um ego mais integrado já pode conservar a memória do objeto bom, mesmo na vigência da experiência ruim,

coloca em evidência outras formas para lidar com a situação. O ego identifica-se então com este objeto bom e ainda é incapaz de reconhecer em si a prevalência de impulsos agressivos, que são colocados no objeto externo, justificando seus ataques a este.

É o momento de entrada no Édipo arcaico, pois a fantasia seguinte é que este seio bom que não veio está gratificando a outro. Esta frustração não é tolerada como uma falta objetiva e sim como um ataque sádico a ele. Pois, sob a regência de um superego ainda muito cruel e sádico, este incremento de dor, a percepção desta falta essencial, ativa fantasias de ataques sádicos e invejosos ao par das figuras parentais (ainda vistas como figuras parciais, seio-pênis) que são fantasiadas como dando uma à outra precisamente aquelas gratificações que o bebê deseja para si, num coito sádico. Estes pais atacados e destruídos na fantasia são introjetados como figuras superegóticas, aumentando o clima de persecutoriedade.

Nesta estrutura paranóica o sujeito é um alienígena de si, que só se reconhece no pavor deste inimigo e não supõe que este outro é também um desdobramento ou representante de suas pulsões. É a perseguição, por assim dizer, que garante a integração precária do "self".

É neste contexto, no auge das angústias persecutórias e contribuindo grandemente para isto, que começa a mudar a relação do sujeito com seu objeto. A percepção de que o objeto contém também o bom, que até então era impedida pelo incremento de dor e inveja que ocasionava esta percepção, vai se tornando inevitável. Isto, em última instância, é dado pela força constitucional da libido, que neste momento pode expressar-se livremente e impregnar o objeto. Um self mais coeso tem mais possibilidade de percepção interna e externa.

O estabelecimento deste campo mental de reação a um seio bom, que como já foi enfatizado depende, em grande parte, da bagagem que o bebê traz ao mundo, por outro lado pode ou não encontrar facilitador no ambiente. Só será favorecido se o bebê tiver um ambiente que o acolha e uma mãe que seja capaz de tolerar e conter as projeções da criança e intuitivamente compreender seus sentimentos.

Parece depreender da teoria da deflexão da pulsão de morte para o exterior que o objeto mau é, no essencial, constituído através da ejeção-projeção, ao passo que o seio bom coincide aproximadamente com aquele que é encontrado desde as primeiras mamadas. Nesta perspectiva, as imagens do seio bom e da boa mãe, mais próximas da realidade do que aquelas que apresentam o objeto como mau, devem se fundamentar nas experiências satisfatórias.

No entanto, a gratidão desencadeada pelo gozo é uma disposição inata e variável segundo os indivíduos. Ao mesmo tempo a gratidão surge apenas quando há satisfação e esta, por sua vez, só pode ser completa se a gratidão é experimentada. É o momento em que a interrelação do inato e da experiência vai se tornar constituintes da capacidade de investimento libidinal.

Portanto, quanto mais frequentemente é sentida e plenamente aceita a experiência de gratificação, mais firmemente se estabelece a figura de um seio bom ou a solidez do investimento libidinal objetual.

E, assim, neste momento, entrar em contato com a bondade do objeto é passar de um estado de indiferenciação com o objeto (onde este contém partes do sujeito e vice-versa) para um estado onde os dois são reconhecidos.

Porém, o clima interno de extrema persecutoriedade não se apaga quando começa a mudar a relação do sujeito com o objeto. Às angústias persecutórias se soma a preocupação pelo objeto, que o sujeito sente impossível de manter a salvo e do qual depende a própria vida. O início da posição depressiva é um somatório de angústias da posição esquizo-paranóide e posição depressiva. Em outras palavras, no momento em que for possível a constituição da representação psíquica, tanto do sujeito, quanto do objeto, através de todo um trabalho de investimento libidinal que é o momento de angústia máxima, já é possível reconhecer a bondade do objeto e se preocupar por ele, sentindo que pode destruí-lo até por sua voracidade. Recaindo, nestes momentos, rapidamente, em angústias paranóides frente a um objeto atacado. A voracidade pelo objeto se iguala aos ataques sádicos a este como fator de perigo. Pois no momento do reconhecimento da bondade do

objeto, surge algo que deve ser preservado e não se trata mais de se livrar do mau, mas de reter o que é bom. O que implica numa mudança nas defesas, de projeção para introjeção.

A voracidade pelo objeto faz malograr neste momento a identificação com um objeto bom e inteiro. Para não reconhecer a avassaladora dor de ter estragado o objeto bom, o sujeito tem duas saídas: identificar-se com o objeto estragado ou regredir a posição esquizo-paranóide.

Neste momento, o recurso da clivagem, assume a característica de preservar o objeto bom, sem que seja assimilada a dor de ser ameaçador para este, nem enfrentada a possibilidade da sua perda. O objeto mau é então quem ameaça o objeto bom identificado ao "self". No fundo, encoberto mas também revelado por estas defesas, está que o terror do "self" é o terror dos seus próprios impulsos, tanto de ódio destruidor, como de amor devorador.

O objeto neste momento, não é introjetado num clima de gratidão e sim num clima de necessidade dele e de ódio a isto. A ansiedade é entrar em contato com o horror de não sobreviver ao estado catastrófico da perda de um objeto essencial. É preferível ter dentro de si um objeto estragado do que se separar deste. É a melancolia, onde todo trabalho de investimento é enfraquecido, tornando-o danificado.

O objeto idealizado é conservado até em contraposição a este objeto tão danificado e sem valor e ocupa a posição de um superego extremamente exigente que cobra do sujeito uma reparação perfeita e impossível. No excesso desta exigência se trai a emanção do objeto perseguidor e sádico.

Submerso em angústias insuportáveis o ser em constituição tenta inverter o sentido de tudo, tentando uma identificação com o objeto ideal. Nega que possa ter danificado um objeto de importância vital e tê-lo perdido para sempre, através da negação de qualquer uma das partes da asserção: " não danificou", " o objeto não tem importância" ou " é fácil recuperá-lo". É uma tentativa de reparação feita de forma mágica e onipotente. Mesmo sendo uma saída precária para as angústias é de certa forma mais propiciadora que a identificação melancólica.

O movimento da mania é o momento virtual da formação de símbolos, com sua troca de objetos e aumento do campo psíquico. As figuras vão se distanciando das figuras originais, embora seja o sadismo ainda operante que pressiona para, na emergência do reconhecimento da bondade no objeto, distribuir esta relação sádica com vários objetos e portanto diminuir a intensidade com o objeto original.

A entrada na posição depressiva envolve este momento onde se oscila rapidamente de angústias paranóides para movimentos melancólicos e maníacos. No entanto, a mudança radical na percepção do objeto, as mudanças concomitantes na estrutura do "self" e nas defesas a que o ego recorre, justifica para Melanie Klein o nome de posição depressiva e não melancólica-maníaca em contraposição a esquizo-paranóide. Embora a posição depressiva que se inicia, não se expresse como tal, manifestando-se primeiro como movimentos melancólicos-maníacos.

A experiência da posição depressiva, envolve a tolerância à dor da perda do objeto, que é conservado como um objeto bom. Tanto o movimento melancólico, como o maníaco tem por finalidade, evitar a renúncia ao objeto bom, (a percepção deste como um objeto separado de si) e se se evita é porque já se foi marcado por ela.

A grande tarefa da posição depressiva é sustentar este objeto inteiro introjetado. A unificação do objeto de amor e do objeto de ódio coloca o indivíduo diante da realidade psíquica de sua ambivalência e faz com que tema a perda definitiva do objeto unificado (perda que é um prolongamento do temor arcaico de um desaparecimento definitivo do seio bom).

As ansiedades e as relações de objeto sádicas e persecutórias são ainda em grande parte, responsáveis pelo sofrimento psíquico neste luto. A perda do objeto desperta simultaneamente a culpa em relação a ele e o medo de que retorne de forma persecutória. A dor é causada pela percepção de um mundo interno em perigo de deterioração e colapso e o maior perigo está na transformação de amor em ódio contra o objeto perdido, que se expressa pelo sentimento de triunfo sobre ele. Este elemento maníaco tem por efeito retardar o trabalho do luto.

Esta vitória sobre o objeto perdido, além do fato de provocar a culpa e o temor do Talião, bloqueia a idealização, processo intermediário, mas essencial no luto normal, que permite manter a convicção de uma natureza boa (não retaliadora e persecutória) do objeto perdido. É a constituição do objeto da necessidade em objeto do desejo.

O alívio do luto provém, essencialmente, da atuação dos mecanismos de reparação, que permite a reconstrução de um mundo interior harmonioso, tornando bons os objetos cuja vingança era temida. Dá assim uma saída exitosa e criativa ao afeto. Como resultado desta reconciliação interior tem-se que a "diminuição do ódio e do temor permite então que a tristeza se manifeste em toda sua força" (...) " e assim, quando a tristeza é experimentada com toda a intensidade e o desespero alcança seu ponto culminante, brota o amor pelo objeto e o enlutado sente mais intensamente que a vida continuará existindo apesar de tudo no interior assim como no exterior, e que o objeto amado perdido pode ser conservado internamente" (O desmame - 1936), agora como símbolo, que é o que fica dentro do indivíduo no lugar do objeto que aceitou perder, que o reconheceu como autônomo.

O objeto total, agora sustentado como um objeto do desejo e investido libidinalmente se presta a ser representado simbolicamente, como uma presença no mundo interno, porque se quer retê-lo e se reconhece como separado.

A constituição do símbolo requer um reconhecimento mais realístico do objeto que passa a ser visto como um objeto total e distinto do self. Isto implica numa diferenciação crescente entre mundos e objetos internos e externos, e dá origem à qualidade ambígua dos símbolos, à sua natureza metafórica, na qual eles são reconhecidos como possuindo suas próprias qualidades e ao mesmo tempo representando algum outro objeto com propriedades e atributos inteiramente diferentes. É o momento de constituição da linguagem e entrada na cultura. É o momento em que a memória não precisa ser atuada (memória viva) mas vive na representação psíquica.

Mas até este momento da constituição de uma linguagem metafórica existe todo um processo que é intermediado pela equação simbólica, onde o

sujeito já marcado pela percepção do espaço entre si e o objeto, a utiliza justamente para negar a separação. Na equação simbólica existe uma "igualização" do símbolo com a coisa simbolizada, resultando em o símbolo ser tratado como se fosse realmente o objeto original.

Alguns seguidores da obra de Melanie Klein, como Bion, Rosenfeld e Beth Joseph se interessaram em desenvolver o conceito de identificação projetiva, enfocando-a como o enraizamento mais arcaico da linguagem que agora se expressa como linguagem simbólica.

Partiram de colocações da própria Melanie Klein em "Notas sobre alguns mecanismos esquizóides" - 1946, onde fala da importância do emprego excessivo de cisão e identificação projetiva na produção de uma personalidade muito perturbada. Existindo, portanto, o pressuposto de que haja um grau normal de identificação projetiva sem definir os limites em que se situa esta normalidade.

Rosenfeld desenvolve que este mecanismo psicótico parece constituir uma distorção ou intensificação do relacionamento infantil normal - baseado em comunicação não verbal entre o bebê e a mãe - na qual impulsos, partes do self e ansiedades difíceis demais para o bebê suportar são projetados para dentro da mãe, que se for capaz de contê-las de tal modo que percam sua qualidade assustadora ou insuportável, podem tornar-se significativas pela capacidade de serem traduzidas em palavras. Esta situação, segundo Rosenfeld, parece ser de fundamental importância para o desenvolvimento de processos introjetivos e para o desenvolvimento do ego.

Bion pensa o elo de ligação entre o bebê e o seio na dependência da identificação projetiva e da capacidade de introjetar a identificação projetiva. A negação do uso deste mecanismo, seja pela recusa do objeto em servir de receptáculo dos sentimentos do bebê ou pelo ódio e inveja deste, que não pode permitir que o objeto exerça esta função, leva a uma destruição do elo de ligação entre o bebê e o seio e, conseqüentemente, a uma grave perturbação do impulso para ser curioso, do qual depende toda a aprendizagem, o que torna impossível o desenvolvimento normal.

Betty Joseph coloca que se o objeto não pode ou não contém as projeções, o indivíduo recorre a uma identificação projetiva cada vez mais intensa. A reintrojeção é realizada com uma força equivalente, e através desta intensa reintrojeção o indivíduo tem dentro de si um objeto interno que não aceitará projeção, que é onisciente, moralizante e não está interessado na verdade e no teste de realidade. O indivíduo se identifica então com este objeto interno que obstinadamente compreende mal e monta o cenário para psicose. Betty Joseph desenvolve também que provavelmente a identificação projetiva nunca é totalmente abandonada, embora, neste sentido não envolva mais a completa excisão e a recusa a assumir partes do "self" tornando-se então menos absoluta, mais temporária e mais capaz de ser retomada pela personalidade do indivíduo e assim constituir a base da empatia.

Podemos pensar assim a identificação projetiva como a comunicação caracterizada pela linguagem dos afetos, uma linguagem viva, corporal. É um princípio de simbolização porque o objeto representa ao sujeito, mas é vivenciado como exterior a si, não há contorno para o mundo interno, o qual engloba o que está fora.

Se considerarmos que a teoria de Klein é simultaneamente uma teoria das pulsões e uma teoria das relações objetais, não poderíamos pensar que também é simultaneamente uma teoria da linguagem?

AUSÊNCIA

Por muito tempo achei que a ausência é falta.

E lastimava, ignorante, a falta.

Hoje não a lastimo.

Não há falta na ausência.

A ausência é um estar em mim.

E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços, que rio e danço e invento exclamações alegres, porque a ausência, essa ausência assimilada, ninguém a rouba mais de mim.

("O corpo" - Carlos Drummond de Andrade).

BIBLIOGRAFIA

- A obra de Hanna Segal - Hanna Segal
- A pulsão de morte - Yorke, Rechartt, Segal, Widlocher, Ikonem, Laplanche, Green.
- Dicionário do Pensamento Kleiniano - Hinshelwood.
- Melanie Klein - Evoluções
- Melanie Klein - Inveja e gratidão
- Melanie Klein Hoje - Volumes I e II
- Melanie Klein - Novas tendências na psicanálise.
- Melanie Klein - Os progressos da psicanálise.
- Melanie Klein - Contribuições à psicanálise.

- Melanie Klein I e II - Jean Michel Petot.

- O desenvolvimento clínico de Melanie Klein - Donald Meltzer.

- Dores do mundo - Schopenhauer.

- O corpo - Carlos Drummond de Andrade.

- Freud - O movimento de um pensamento - Luiz Roberto Monzani.

AUTORES:

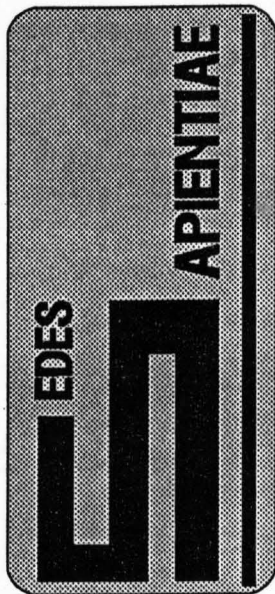
Lindalva Heitor de Mendonça Westin

Maria Cristina Webby

Maria Dulce T. Tournieux

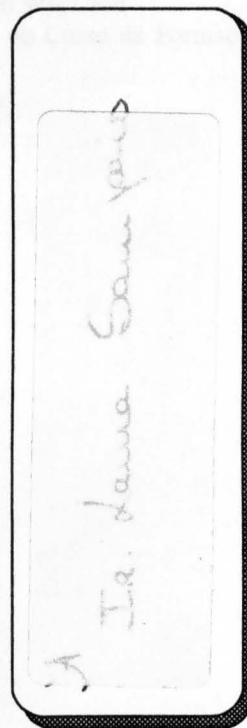
Mildred Kum Wai Chui

(Alunos do 3º ano do Curso de Formação em Psicanálise).

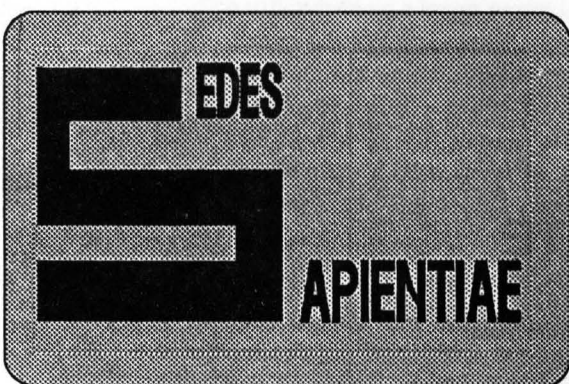


R. Ministro Godoy, 1484
05015 - Perdizes - São Paulo - SP

**BOLETIM
FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE
ANO I - VOLUME I
MARÇO/ABRIL 92**



IMPRESSO



BOLETIM

FORMAÇÃO
EM
PSICANÁLISE

ANO I
VOLUME I
MARÇO/ABRIL

1992

I Editorial:

II Informes:

Cotidiano:

Curso:

Programa

Subcomissões

Eventos

Publicações

Atividades:

Leituras:

VIOLENCIAS DO ENCONTRO

III Artigos:

QUEM SOU EU, AGORA
QUE HANNA ESTÁ AÍ?

DA LINGUAGEM DOS AFETOS
À LINGUAGEM SIMBÓLICA.

EXPEDIENTE

Primeira Datilografia: Carmita Maia.

Capa: Vicente Silvio Nogueira

**Secretariado e Digitação : Célia Maria Dória Frasca
Scorvo e Elizabeth de Cassia S. Ferreira.**

*Queremos desde já agradecer ao SEDES SAPIENTIAE e
equipe pelo zelo e dedicação a nós dispensado, sem o qual
este não seria possível.*

COMISSÃO EDITORIAL

Claudia Paula Leicand

Ede De Oliveira Silva

Emir Tomazelli

Maria Luiza Scrosoppi Persicano.

I - EDITORIAL

" A auto-fecundação continuada constitui uma estratégia pobre para a sobrevivência a longo prazo, já que a descendência transporta apenas os genes do seu único progenitor, e as populações não mantêm variação suficiente para proporcionar flexibilidade evolutiva em face das mudanças do ambiente" (Darwin, 1862)

Bem...

Estamos abrindo um espaço novo dentro do curso Formação em Psicanálise, um espaço aberto a todos que queiram preenchê-lo, formando, formados, professores (mesmo que estes nomes não sejam os melhores nomes para qualificar nossas relações), através de artigos, trabalhos clínicos, notícias, resenhas, etc....sim, um boletim está nascendo, mas, para isto, precisamos trabalhar e muito: é isto o que pretendemos.

Diríamos que este espaço não estará apenas aberto para aqueles que ainda garantem nossa memória e nossa história, mas também para quem quiser ocupá-lo, o que faz dele um local de encontros. Um local, que venha a ser uma "PLATZ", onde vários caminhos se cruzam e onde a memória infantil possa circular sob a forma do saber psicanalítico.

COMISSÃO EDITORIAL.

II - INFORMES

COTIDIANO:

O Curso de Formação em Psicanálise iniciou o ano com três reuniões gerais do corpo docente já nos meses de janeiro e fevereiro. Nestas, foi retomada a comunicação entre os anos, iniciada em 1991, para fins de reavaliação e reorganização dos programas. Este processo não está terminado. Pretende-se um

forum contínuo de reavaliação, a partir inclusive do " Feedback" do corpo discente durante o transcorrer do ano letivo. A organização dos professores para o ano ficou estabelecida em três comissões: Diretiva, Publicação e Eventos.

A seleção de alunos para o 1º ano deu-se através de outras 3(três) reuniões de professores e de duas etapas de entrevistas para cada candidato. Foram 37 inscritos, 20 escolhidos, afora mais 2 alunos antigos que reabriram matrícula.

1992 iniciou-se com a equipe de professores de cada ano, abrindo, no 1º dia de aula teórica, um espaço com os alunos do ano, para discussão e reflexão a respeito da saída de professores do curso em 1991.

Neste ano, uma vez por mês, os professores participarão de um programa de estudo entre si, voltado para o aprofundamento do tema da pulsão de morte à luz das entidades clínicas e da prática psicanalítica.

As reuniões clínicas iniciadas no final do ano de 1991, continuarão nas primeiras terças-feiras do mês, tendo como reinício o dia 7 de abril e sairão sempre divulgadas no setor de atividades, assim como as reuniões teóricas que ocorrerão.

O pessoal da Comissão de Eventos já contactou outras pessoas para virem participar de nossos futuros eventos: Gilberto Safra, Antonio Muniz de Resende, Manoel Tosta Berlink, Maria Cristina Kupfer, Leopoldo Nosek, Felícia Knoblock e Heloísa Ópice.

CURSO:

PROGRAMAS

PROGRAMA DO 1º ANO 1992

Os eixos principais do programa articulam-se em torno da constituição do sujeito humano, na sua cisão, trabalhando os conceitos de falta, desejo e repressão, e, a partir daí, a elaboração do conceito de Inconsciente.

O percurso escolhido segue os seguintes temas:

TEMA - I - HIPNOSE: Começa a surgir uma noção de um outro lugar psíquico.

Textos (todos de S.Freud):

Informe sobre meus estudos em Paris e Berlim - 1886.

Prólogo à tradução de H. Bernheim, " de la Suggestion " - 1888.

Resenha de August Forel, "Der Hypnotismus"-1889.

Hipnose - 1891.

Um Caso de Cura pelo Hipnotismo - 1892.

Prólogo e Notas à tradução de J.M.Charcot, "Leçons du Mardi de la Salpêtrière" - 1887-88.

Charcot - 1893.

TEMA II - HISTERIA: Acompanharemos o surgimento do sintoma como demonstrativo do trabalho do Inconsciente, levando em conta a teoria traumática e a teoria da sedução .

Textos: Estudos sobre a Histeria - 1893-95 (Freud e Breuer).

a) Sobre o Mecanismo Psíquico dos Fenômenos Históricos - Uma Comunicação Preliminar.

b) Historial Clínico - Fr.Elisabeth Von R.

c) Psicoterapia da Histeria.

d) A Etiologia da Histeria.- 1896.

e) As Neuropsicoses de Defesa - 1894.

f) Carta a Fliess nº 69-1897.

Projeto de uma Psicologia para Neurologos - Cap II -1895.

Novos aportes às Neuropsicoses de Defesa - 1896.

A Sexualidade na Etiologia da Neuroses - 1898.

A Perda da Realidade nas Neuroses e nas Psicoses - 1924.

TEMA III - SONHOS E ATOS FALHOS: Serão trabalhados como formações do Inconsciente. Veremos o trabalho do sonho em si, colocando ênfase no processo primário , fazendo a articulação com o sintoma e a "normalidade" através da psicopatologia da vida cotidiana.

Textos: Sobre os Sonhos - 1901.

Interpretação dos Sonhos - Cap VII - 1900.

Psicopatologia da Vida Cotidiana - Cap I e IV - 1901.

O Mecanismo Psíquico do Esquecimento - 1898.

Lembranças Encobridoras - 1899.

Projeto de uma Psicologia para Neurologos - cap I - 1895.

TEMA IV - DESEJO: Vivência de Falta e Vivência de Satisfação

Abordaremos os temas de Repressão Primária, Representação do Desejo e Inscrição Psíquica.

Textos: Interpretação dos Sonhos- Cap VII - parte c -1900.

projeto de uma Psicologia para Neurologos - Cap. I- partes 11 e 12.

Complemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos -1915.

TEMA V - FORMULAÇÃO METAPSICOLÓGICA DO APARELHO PSÍQUICO:

Textos Interpretação dos Sonhos - Cap.VII -Parte F.

Os dois Princípios do Sucesso Psíquico -1911.

A Repressão - 1915.

O Inconsciente - 1915.

Esboço de Psicanálise - Cap. I,II, IV,VIII e IX - 1938

O Ego e o Id - Cap. I e II - 1923.

Bibliografia: - Freud,S. -Obras Completas.

Laplanche, J. e Pontalis, J.B. - Vocabulário de Psicanálise.

PROFESSORES:

Aristides Costa Cicarelli
Maria Cristina Perdomo
Maria Rosa Maris Sales
Maria Teresa S. Rocco.

PROGRAMA DO 2º ANO DE 1992.

TEMA 1 - TEORIA TRAUMÁTICA A SEDUÇÃO:

Bibl.Obrigatória: " OBSESSÕES E FOBIAS"- 1895

"NOVAS OBSERVAÇÕES SOBRE AS PSICONEUROSES DE DEFESA"- 1896(P.I eII).

Bibl.Auxiliar: " A SEXUALIDADE NA ETIOLOGIA DAS NEUROSES"-1898.

" MANUSCRITO E" -1894.

TEMA 2 - A PULSÃO, O DESEJO, O ÉDIPOLI

Bibl.Obrigatória:" CARTA 69" - 21.09.1897.

" TRES ENSAIOS PARA UMA TEORIA SEXUAL" -1905(1º ensaio : Completo, 2º ensaio: pontos 1,2,3,4 e 7, 3º ensaio: só ponto 5).

Bibl.Auxiliar: " OS SONHOS DA MORTE DE PESSOAS QUERIDAS" em INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS" -1900 - Carta 71 - 15/10/1897.

TEMA 3 - A HISTERIA NO CASO DORA

Bibl.Obrigatória: " FRAGMENTO DE ANÁLISE DE UM CASO DE HISTERIA" - 1905.

" ESTUDO COMPARATIVO DAS PARALISIAS MOTRIZES, ORGÂNICAS E HISTÉRICAS" - 1893 - Cap. IV (optativo).

TEMA 4 - A HISTERIA DE ANGÚSTIA EM JOÃOZINHO.

Bibl.Obrigatória : "ANÁLISE DA FOBIA DE UM MENINO DE CINCO ANOS" -1909.

" SOBRE AS TEORIAS SEXUAIS INFANTIS" - 1908 .Esclarecimento sexual 1907(optativo).

TEMA 5 - A NEUROSE OBSESSIVA NO HOMEM DOS RATOS.

Bibl.Obrigatória: " ATOS OBSESSIVOS E PRÁTICAS RELIGIOSAS"- 1907.

" CARÁTER E EROTISMO ANAL" - 1908.

" A PROPÓSITO DE UM CASO DE NEUROSE OBSESSIVA" - 1909.

" HOMEM DOS LOBOS " - CAP. VII.

TEMA 6 - AS PULSÕES E O ÉDIPOLI

Bibl. Obrigatória:"ROMANCE FAMILIAR DO NEURÓTICO" - 1909.

"SOBRE UM TIPO ESPECIAL DE ESCOLHA DE OBJETO NO HOMEM" - 1910.

" SOBRE UMA DEGRADAÇÃO GERAL DA VIDA ERÓTICA" - 1912.

TEMA 7 - O ÉDIPOLI E A CULTURA

Bibl. Obrigatória: "TOTEM E TABU " -1913.

TEMA 8 - O NARCISISMO

Bibl. Obrigatória: " INTRODUÇÃO AO NARCISISMO" - 1914.

TEMA 9 - O ÉDIPOLI E AS IDENTIFICAÇÕES

Bibl. Obrigatória: " LUTO E MELANCOLIA" - 1917

" PSICOLOGIA DAS MASSAS E ANÁLISE DO EGO" - 1921 -(CAP 7)

" O EGO E O ID " - 1923 (CAP.3)(CAP.1 E CAP 2 -OPTATIVO).

TEMA 10 - O ÉDIPOLI E A CASTRAÇÃO

Bibl.Obrigatória : " SOBRE AS TRANSMUTAÇÕES DA PULSÃO..." - 1917.

" ORGANIZAÇÃO GENITAL INFANTIL" - 1923"

" FINAL DO COMPLEXO DE ÉDIPO " - 1924.

" ALGUMAS CONSEQUÊNCIAS PSÍQUICAS DAS DIFERENÇAS SEXUAIS ANATÔMICAS " - 1925.

" INIBIÇÃO, SINTOMA E ANGÚSTIA " - 1926(4-5-6-7).

" SOBRE A SEXUALIDADE FEMININA " - 1931.

" A FEMINILIDADE " (NOVAS CONFERÊNCIAS INTRODUTÓRIAS PSICANÁLISE - 1933).

PROFESSORES:

Ede de Oliveira Silva
Nora Miguelez
Oscar Miguelez.

PROGRAMA DO 3º ANO.

TEMA I - FREUD E KLEIN: Semelhanças e Diferenças.

TEMA II - A LINGUAGEM KLEINIANA :
Uma Linguagem antes da linguagem.

TEMA III - A CLÍNICA PSICANALÍTICA KLEINIANA: Fundamentos Teóricos -Técnicos.

TEXTOS: 1º) A personificação nos jogos das crianças (1929) cap. 09. " Contribuições à Psicanálise".

2º) Simpósio sobre a análise infantil(1927) - Cap. 06 "Contribuições...".

3º) A Natureza e a Função da Fantasia - Suzan Isaacs - Cap. 03 - " Os Progressos da Psicanálise".

TEMA IV - CONCEITOS CENTRAIS:-

1º) Ego - Primitivo

Superego - Primitivo.

Complexo de Édipo Primitivo.

2º) Pulsão de Morte

a) Deflexão

b) Projeção.

3º) Sexualidade Agressiva, O Medonho e a Psicose

4º) Identificações Primárias e a Formação do Superego.

TEXTOS: 1º) Primeiros estágios do conflito Edípico e a formação do superego(1927) cap. 8 - " Psicanálise da Criança".

2º) Primeiras fases do complexo de Édipo(1928) cap.8

TEMA V - " CONTRIBUIÇÕES À PSICANÁLISE".

Conceitos Gerais -

1º) A Teoria das Posições

2º) O impulso de vida e a Construção do Ego integrado e coeso.

3º) Os problemas da pulsão de morte e a desintegração.

4º) O narcisismo e a identificação projetiva: As defesas violentas.

TEXTOS: Notas sobre alguns Mecanismos Esquizóides (1946) cap. IX - " Progressos da Psicanálise".

Bibliografia Complementar:

1º) LA OBRA DE MELAINE KLEIN (vol I e II) Elsa el Valle Lugar Editorial - Buenos Aires (1986/87).

2º) MELAINE KLEIN I E II.

Jean Michel Petot - Estudos

Editôra Perspectiva- São Paulo (1987/88).

3º) POSIÇÃO E OBJETO NA OBRA DE MELAINE KLEIN - WILLY BARANGER

Editôra Artes Médicas (1981)

4º) DICIONÁRIO DO PENSAMENTO KLEINIANO

Hinshelwood - ED. Artes Médicas.

TEMA VI - A PROBLEMÁTICA DA POSIÇÃO DEPRESSIVA

TEXTOS: " A importância da Formação do Símbolo no Desenvolvimento do Ego " .(1930: in: " Contribuições à Psicanálise".

"Notas a respeito da Formação de símbolos" Hanna Segal, in: " A obra de Hanna Segal", Imago pg.77.

"Psicogênese dos estados Maníaco-Depressivos" (1934) in: "Contribuições..." pg.355.

TEMA VII - "ÚLTIMAS FORMULAÇÕES KLEINIANAS" - Parte I : Em busca de uma epistemologia"

TEXTOS: " Sobre a Teoria Da Ansiedade e Culpa" (1948) in: "Os progressos da Psicanálise". Zahar pg.290.

" A Vida Emocional do Bebê" (1952) in : " Os Progressos da Psicanálise" pg.216.

TEMA VIII - "ÚLTIMAS FORMULAÇÕES KLEINIANAS" - - Parte II"

TEXTOS: " Inveja e Gratidão (1957) in: "Inveja e Gratidão e outros trabalhos" 1946-1963 - IMAGO pg.205.

"Sobre a Identificação" (1955) in: " inveja e Gratidão..." Imago.

" Sobre o Desenvolvimento do Funcionamento Mental" (1958)

in : "Inveja e Gratidão..."

PROFESSORES:

Emir Tomazelli
Maria Luiza S.Persicano
Suzana A. Viana.

PROGRAMA DO 4º ANO.

TEMA I - PERVERSÃO

1. Lei, Perversão e Transgressão (A Perversão como Estrutura). Texto : Maria Helena Saleme.

2. A evolução do conceito de Perversão em Freud.

Textos: a) Tres ensaios para uma teoria sexual (1905)

b) Sobre alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na Paranóia e na Homossexualidade (1921).

c) A Pulsão e seus Destinos (1915).

d) Bate-se numa criança (1919).

e) O Problema econômico do masoquismo (1924).

f) O Fetichismo (1927).

g) A organização genital infantil. Adição à teoria sexual (1923).

3. Observações sobre a feminilidade e seus avatares - Piera Aulagnier.

TEMA II - PSICOSE

A- A Metapsicologia das Psicoses (em Freud).

1. Dois princípios do funcionamento mental (1911).

2. O Inconsciente (1915).

3. A cisão do ego no processo de defesa (1938).

4. Esboço de Psicanálise (1938).

B- A questão Edípica e a Psicose (em Freud).

1. Totem e Tabu (1912-1913).

2. Uma Introdução ao Narcisismo (1914).

3. Luto e Melancolia (1915).

4. Observações Psicanalíticas sobre um caso de Paranóia (Caso Schreber) (1911).

C - Observações sobre a Estrutura Psicótica.

Piera Aulagnier - Do Livro: Psicose - Uma Leitura Psicanalítica.

TEMA III - PERVERSÃO E PSICOSE - DESENVOLVIMENTO KLEINIANO

1. Observações sobre a relação da homossexualidade masculina com a paranóia, a ansiedade paranóide e o narcisismo - H. Rosenfeld (1949).

2. Sexualidade Polimorfa adulta

Sexualidade Polimorfa infantil - Donald Meltzer (1913).

Sexualidade infantil perversa.

3. Nota a respeito da formação dos símbolos - Hanna Segal (1981).

4. Da psicopatologia do narcisismo: Uma aproximação clínica H. Rosenfeld (1964).

5. Abordagem Clínica da teoria psicanalítica dos instintos de vida e morte: uma investigação dos aspectos agressivos do narcisismo. H. Rosenfeld (1971).

6. Nota a respeito da psicopatologia dos estados confusionais nas esquizofrenias crônicas - H. Rosenfeld (1950).

7. A Psicopatologia da hipocondria - H. Rosenfeld (1964).

8. Notas sobre a teoria da esquizofrenia - W. Bion (1954).

9. Desenvolvimento do pensamento esquizofrênico - W. Bion (1955).

10. Diferenciação das personalidades psicóticas e não psicóticas - W. Bion (1957).

11. Sobre a arrogância - W. Bion (1957).

PROFESSORES:

Armando Colognese

Cecilia Morelli Camargo
Homero Vettorazzo Filho
José Carlos Garcia
Maria Helena Saleme

SUB-COMISSÕES:

EVENTOS

A Comissão de Eventos, composta por Berenice Neri Blanes, Elza Mendonça de Macedo, Lindolfo Baptista Neto, Maria Helena Saleme, Maria Teresa Scandell Rocco, Oscar Miguez e Susana Alves Viana, programou a realização de duas reuniões mensais - uma clínica e outra teórica - que acontecerão sempre às 2^{as} ou 3^{as} feiras no Sedes, na sala 6 às 20:30 horas.

Além desses encontros sistemáticos, a comissão está trabalhando no sentido da constituição de grupos de estudos com temas que serão definidos no percurso do trabalho.

PUBLICAÇÃO

A Comissão de Publicação, composta por Ede de Oliveira Silva, Emir Tomazelli, Maria Luiza Scrosoppi Persicano e Claudia Paula Leicand, coloca-se à disposição dos colegas que quiserem colaborar.

No caso de desejarem enviar artigos para publicações, o critério é de 5 a 10 páginas datilografadas em espaço 2. Quanto a leituras, informes e atividades deverão ser previamente remetidos datilografados à comissão, para que esta tenha tempo hábil para a publicação no Boletim.

ATIVIDADES:

Dia 07 de abril (3ª Feira)

Maria Cristina Perdomo

Apresentação e Discussão de material Clínico.

Dia 27 de abril (2ª Feira)

Suzana Alves Viana

" Sobre a Problemática da Contra-Transferência na Clínica Psicanalítica: Um recorte. Uma Reflexão." Discussão teórico-clínica que poderá ser continuada através da constituição de grupo de Estudo.

Nota: A questão que atravessa e abre este grupo é: contratransferência contra a transferência? ou contratransferência a favor da transferência? Em outras palavras, o que se deseja neste grupo é percorrer a questão do lugar do analista na transferência e seus avatares, os enfrentamentos, os distanciamentos, os estranhamentos, bem como as colagens, nas quais o analista se sente submetido ou submetendo quando procura um lugar para escutar um tempo: aquele da história contada na transferência. O encontro acontecerá a cada 15 dias e deverá ter início em maio de 1992.

Dia 05 de maio (3ª Feira)

Marília de Freitas Pereira

" Terapia Familiar: Diagnóstico e Indicação".

Discussão de material clínico.

Dia 18 de maio (2ª Feira).

Durval Mazzei Nogueira Filho

" O Freud de Lacan" - Palestra de apresentação e Introdução a um grupo de trabalho planejado para o 2º semestre.

- ATENÇÃO -

Para viabilizar a continuidade das atividades, pedimos a colaboração de CR\$ 5.000,00 para cada encontro.

LEITURAS:

TEMA: VIOLÊNCIA DO ENCONTRO

O homem surgiu, e, junto com ele surgiram as histórias e as analogias. Como pertença a espécie

Homo Sapiens, não posso fugir a estas generalizações, portanto tenho histórias para contar e analogias para fazer.

Isto me faz lembrar de dois encontros que tive, com alguns anos de diferença entre eles e que tiveram características insólitas pelos sentimentos em mim mobilizados. Estou na realidade falando do meu encontro com o "Projeto" (Freud 1895) e com a " Violência da Interpretação" (Piera Aulagnier 1975). Noventa anos separam um trabalho do outro porém as emoções não levaram em conta tal hiato.

Não sei exatamente qual a ponte que se criou em minha mente com a leitura dos dois textos, porém o que lembro são as emoções suscitadas. Tenho algumas explicações que não me satisfizeram, como: a densidade e complexidade de ambos; a massa enorme de informações em tão pouco espaço; a maneira como ambos foram escritos que não dá margem para que o leitor desavisado respire ou descanse entre uma palavra e outra, entre uma frase e a seguinte ou entre os períodos, deixando-o atônito e desorientado. Mas será que é por conta disto que são mobilizadas emoções tão intensas? Como faço parte também da espécie do "Homo Psicanaliticus", não me furtei a uma interpretação, mas gostaria de comentá-la mais tarde. No primeiro contacto o impacto foi tanto que tive vontade de deixá-los de lado e foi o que realmente fiz com ambos. Deixei-os de lado com um misto de raiva, cansaço e irritação. Mesmo que se saiba que ambos são textos basicamente metapsicológicos e que a metapsicologia é um terreno árido e difícil de se caminhar, acho que estes trabalhos têm algo a mais que nos sobrecarrega e este algo a mais são as emoções e os sentimentos suscitados. Estas reações são consequência de se sentir violentado a cada momento e é por isso que se tem necessidade de uma parada inicial. Num segundo momento é aconselhável que se volte ao texto lentamente ou que apele a um amigo para minimizar o impacto e foi o que fiz. Desta maneira você vai caminhando lentamente, desafiando a cada momento os perigos encontrados pelo caminho. Porém, a medida que, nesta viagem, vamos desbravando, página por página, capítulo por capítulo, e penetrando gradativamente nas emaranhadas florestas do pensamento de ambos autores, um novo sentimento aos poucos vai surgindo. Um sentimento de

perplexidade, encantamento e fascinação, de tal maneira, que dificilmente se consegue sair deles. Basta dizer que em um permaneci três anos e no outro já estou há um ano. Vejo agora que para passar para o segundo momento, tem-se de vencer um sentimento muito maior, a inveja de não tê-los escrito. Apesar de todos acidentes de percurso aconselho estas duas viagens, porém não me responsabilizo pela integridade dos leitores. Não acredito que alguém saia ileso após tal percurso, não acredito que alguém seja o mesmo depois de lê-los, portanto ame-os ou deixe-os.

Ede de Oliveira Silva.

Professor do Curso de Formação em Psicanálise.

III - ARTIGOS:

QUEM SOU EU, AGORA QUE HANNA ESTÁ AÍ? (A fobia e o caso do pequeno Hans).

Dentre os diversos casos analisados por Freud, destaca-se pela importância teórica o caso do pequeno Hans, como passou a ser conhecido no meio psicanalítico o *Relato da Análise da fobia de Um Menino de 5 Anos* (1909).

Das primeiras observações de Hans, quando ainda não tinha completado 3 anos de idade, chama a atenção a frase enunciada por ele: "Mãe, você também tem esta coisinha de fazer pipi? Ao que a mãe responde: Naturalmente" (Freud, 1909).

Essa fala remete à questão fundamental que o pequeno Hans se colocava com veemência: ter ou não ter pênis. Mas, ao falar em pênis, do que está falando o pequeno? Sua pergunta encerra uma preocupação relativa a ter ou não ter um órgão, anatomicamente falando? Ou sua preocupação está referida a outra coisa? Por que tal pergunta é tão importante para ele e para todas as crianças que a enunciam?

Muito tempo se passou, da época da interpretação do caso por Freud até os dias de hoje. Muito se falou e se escreveu sobre o caso. Autores

contemporâneos, notadamente os da chamada vertente psicanalítica francesa - referência adotada neste trabalho - trouxeram interessantes contribuições para uma nova compreensão desta questão e de outros fatores envolvidos no chamado *complexo de castração*, mas também uma nova forma de interpretar a questão da fobia, notavelmente ilustrada no caso do pequeno Hans.

Nos três ensaios, Freud enfatiza de forma original a importância do outro na estruturação do psiquismo. A idéia lá apresentada tem sido bastante desenvolvida nos escritos sobre a psicanálise e hoje tem-se uma relativa compreensão sobre vários dos aspectos envolvidos nas relações que o ser humano estabelece no início da vida. Essas relações dão-se num contexto característico, isto é, a criança encontra-se num estado de desamparo frente a um outro que pode aplacar tal estado, através dos cuidados a ela dirigidos. Paralelamente aos cuidados físicos exercidos sobre a criança, esta recebe um intenso investimento afetivo e libidinal por parte de quem cuida dela. Diz Freud:

"A relação de uma criança com quem quer que seja responsável por seus cuidados proporciona-lhe uma fonte infindável de excitação sexual e de satisfação de suas zonas erógenas. Isto é especialmente verdadeiro, já que a pessoa que cuida dela, que afinal de contas, em geral é sua mãe, olha-a ela mesma com sentimentos que se originam de sua própria vida sexual, ela acaricia-a, beija-a, embala-a e muito claramente a trata como substitutivo de um objeto sexual completo."⁽¹⁾

É um momento no qual a mãe parece ver esta criança como algo que a completa totalmente: um falo. A criança parece ser reconhecida não como um ser de vida própria, mas principalmente como objeto revestido pela imagem remanescente do narcisismo materno, após um longo período de perdas. É assim que esta criança assume um aspecto imaginário, que parece restituir à mãe as perdas que teve de enfrentar e é neste contexto e com este papel que a criança inscreve-se na complexa trama estruturada pelo desejo materno. Só resta a esse ser, totalmente dependente e desamparado, responder a esse desejo, identificar-se com esse lugar de completude que lhe

(1) *Três ensaios para uma teoria sexual*

é atribuído pela mãe e assim se encontrar num lugar de total amparo, no qual ela se torna a mãe toda-poderosa e completa. A percepção de possuir tal poder a faz também onipotente. Tal é a dinâmica da chamada identificação primária ou narcísica. As mensagens que a mãe lhe passa, decorrentes dos investimentos narcísicos, conferem-lhe essa vivência de onipotência. A mãe compraz-se em ver seu bebê dormindo, saciado. A criança, ao se alimentar, está garantindo a sua sobrevivência, mas está também respondendo ao desejo da mãe de que se alimente.

Se a mãe tem tal desejo, nunca a deixará passar fome. Fica claro aqui o papel deste engodo de plenitude, por parte da criança, isto é, o de disfarçar sua condição de desamparo. Por parte da mãe, é como se ela tivesse a ilusão de que esse filho lhe devolveria a completude para sempre perdida, à qual teve que renunciar para inserir-se no universo humano da simbolização e da cultura (cutellus = cutelo, corte).

Isso remete a uma questão relativa ao ser humano, no que diz respeito às estruturas clínicas. Como seria se houvesse uma total resolução edípica? Como o desamparo do filho poderia ser atenuado, se não através da ilusão descrita acima? Em outras palavras, tem que haver um residual de felicidade na mãe para que este inevitável engodo se crie e dê um lugar a esse filho, ainda que num primeiro momento o de bebê-boneca, etapa necessária, porém não suficiente, para ascender à condição humana.

Voltando nos anos: quando criança essa mulher-mãe, como ensina Freud, abandonou, ao deparar-se com a mãe castrada, o investimento libidinal a esta e voltou-o ao pai, na medida em que este, por ocupar um lugar no desejo da mãe, apresenta-se como possível doador do pênis-falo desejado.

A feminilidade instaura-se a partir do momento em que o anseio pelo pênis é substituído pelo desejo de ter um filho, identificando-se assim a menina com sua mãe. E esse filho, ao existir, assume para a menina, agora mulher-mãe, a condição imaginária do falo desejando (apoiado na antiga inveja do pênis, enquanto órgão propiciador da felicidade). Ainda persiste uma ilusão imaginária de completude." Se

eu tiver um filho, estarei completa, apesar de não ter um pênis".

O engodo de plenitude que se estabeleceu entre a mãe e seu filho vai se revelando enquanto tal e, conseqüentemente, desmancha-se. A experiência ilusória de preencher a falta, na qual o psiquismo da mãe está estruturado, em se tratando do campo da neurose, já foi demasiadamente frustrada. A conclusão que se impõe é a impossibilidade. A mãe dá-se conta de que, como outros objetos, este bebê também não a completa inteiramente. A realidade impõe-se frente à frágil relação dual. A ilusão dá lugar à desilusão. A mesma criança que imaginariamente a completava, agora remete-a à sua falta e, de acordo com o mesmo modelo que utilizou ao renunciar à sua própria mãe para procurar no pai o pênis desejado, atualiza-o através de outros investimentos. Do outro lado, a criança não encontra mais na atitude da mãe aquele lugar (Fálico), ocupa apenas mais um lugar, entre vários outros para o qual orienta-se o desejo materno.

Esse processo inscreve-se no psiquismo infantil para sempre, como um traço, uma marca, que inaugura a existência da criança como sujeito. O bebê vê-se lançado num não-lugar. "O que ser, além do falo da mãe?" É, talvez, a pergunta que se faça neste momento. A angústia manifesta-se. É no próprio discurso da mãe que o enfant re-encontrará um lugar, agora seu, não mais como objeto do desejo de um outro. O lugar anterior está inacessível, para sempre perdido.

Na medida em que a criança percebe que a mãe designa um outro como importante para ela, abala-se. Quando a mãe diz: é teu pai, o filho questiona-se: o que é ele para ela?. Eu não lhe basto? Descobre que a mãe também depende de um outro, enquanto suporte de seu desejo e isto faz com que não a veja mais segundo a óptica da onipotência. A identificação narcísica é questionada pela criança: minha mãe precisa de algo, eu não sou esse algo e nem o tenho, alguém deve tê-lo, é o pai que ela me apresenta. Dessa forma o pai é suposto deter o objeto do desejo da mãe.

A relação está agora trinificada. Poderia ter-se prolongado no sentido dual, onde um não seria nada mais do que a continuidade e o complemento do outro (tal como ocorre nos casos de psicose). A

função do pai separa a criança da mãe, interdita a fusão-confusão original, inaugurando a complexa questão da castração. O filho deixa de ser a coisa da mãe, um objeto de fabricação exclusivamente materna.

Entretanto, a função paterna só se exerce enquanto interditora na medida em que sua importância estiver inscrita no psiquismo da mulher-mãe, que reconhece que necessita de um homem para poder fazer um filho. A dupla interdição, vinculada à função paterna e fundadora da cultura, "não deitarás com sua mãe" e "não re-integrarás teu produto", só pode ser ouvida se a interdição do incesto vem marcar tanto o homem quanto a mulher, que formam o par parental.

A função paterna que se introduz na relação confusa, fundida e desordenada da mãe com a criança serve, de agora em diante, como um suporte em torno do qual a criança irá se organizando como sujeito. Depara-se com a lei - "não deitarás com tua mãe" - da qual o pai é o representante.

A função paterna irá marcar o lugar do filho no desejo da mãe. Essa função destitui a mãe de seu filho-falo; então ela, privada do mesmo, pode buscá-lo naquele que o detém. A criança, igualmente desprovida de seu lugar fálico, poderá cobiçá-lo lá, onde a mãe o indica.

Tal jogo fálico está na base das identificações, agora não mais narcísicas. Há diferenças relativas ao sexo da criança quanto a essas identificações. O menino renuncia ser o objeto de desejo da mãe, recalca seu desejo neste sentido e identifica-se com o pai, que supostamente tem o falo. A menina também renuncia ao seu desejo em relação à mãe, abrindo-se desta forma a possibilidade de identificar-se com ela, buscando no pai aquilo que, como a mãe, não tem.

Tudo se passa dessa forma em se tratando do campo da neurose, enquanto estrutura clínica. Os problemas que daí decorrem vão levar a uma das três possibilidades neuróticas: histeria, fobia e neurose obsessiva.

Na continuidade, se abordará a fobia, principalmente no que diz respeito à angústia e a

toda problemática identificatória presente nesse tipo de estrutura.

"Quem sou eu agora que Hanna está aí"?, pergunta-se o pequeno Hans. Esta pergunta abre a possibilidade de pensar em algumas questões:

1. Como entender o nascimento de Hanna na articulação com o aparecimento da fobia de Hans?

2. Como compreender o sintoma fóbico: o cavalo? Na interpretação de Freud, o nascimento de Hanna remete à questão das diferenças sexuais entre homens e mulheres como o aspecto de destaque. Porém, poder-se-ia entender que com o nascimento da irmã, o pequeno Hans perde seu lugar no desejo da mãe, que até então ocupará, o de ser aquele que a completava, seu falo, agora substituído por Hanna. Se poderia pensar que a vinda de Hanna articula a questão da interdição ao desejo materno. Logo, o pequeno Hans volta-se na busca de ocupar um outro lugar, lugar este que poderia encontrar voltando-se para o pai enquanto possibilidade identificatória. Essa possibilidade não se concretiza no presente caso, uma vez que o pai não está suficientemente presente no discurso da mãe, enquanto interditor. É claro, no historial, o aspecto claudicante da interdição paterna. O pai interdita, porém a mãe faz muitas vezes o contrário, quando vê seu filho tomado pelo terror noturno. A mãe não confere a força suficiente à figura paterna, para que o menino encontre um sustentáculo sólido onde se refugiar ao dar-se conta de que não é o único objeto do desejo materno. A relação dual entre ele e a mãe rompe-se, definitivamente, ao que parece, com o nascimento da irmã. É uma função paterna interditora, que se estabelece.

Separa-se da mãe, mas não encontra um lugar para se refugiar, se apoiar através da identificação, vê-se mergulhado num não lugar, num abismo; não encontra uma indicação da mãe que agora, com o nascimento da irmã, encontra-se novamente mergulhada numa relação narcísica com a filha.

Pobre Hans, arrancaram-lhe de seu lugar mas não lhe ofereceram um atenuante, um outro recurso que lhe dê segurança. O caminho é feito apenas até a metade. A partir daí encontra-se sozinho frente ao próprio destino. Tem que buscar uma saída por si só e a encontra, ainda que num cavalo que condensa todas as possibilidades pelas quais o sujeito Hans possa organizar sua entrada no mundo simbólico. A partir daí coloca-se como fundamental a tentativa de entender o que representa o cavalo, enquanto ordenador e organizador do caos no qual o garoto está mergulhado. Nesta audaciosa empresa, F.Perrier pode servir como referência.

Escreve ele:

"Quem sou eu agora que Hanna está aí?, pergunta-se o pequeno Hans".⁽²⁾ Nesta perspectiva o cavalo começa a propor-lhe o dilema: pai ou mãe, homem ou mulher, penis ou nada. Nada, diz Freud, pois no caminho de postular a vagina, não podia contudo resolver o enigma, dado que dentro de seus conhecimentos não existia nada semelhante ao que seu pênis reclamava.

Esta ausência de significante fêmea - para citar uma expressão recente de Lacan - é o que faz do cavalo o enigma angustiante da imagem do corpo, dessa imagem corporal que é o primeiro eu de Hans, como seu eu e entretanto sua mãe e também seu pai.

A imagem fóbica é o eu imaginário projetado na solicitação narcísica que ela expressa, no enigma angustiante que ilustra, impondo a Hans inegavelmente a pergunta: "Convertendo-me em cavalo sou menino ou menina"? Tudo acontece como se se tratasse de uma imagem onírica cujo conteúdo manifesto é reconhecido e secundariamente redescoberto na realidade. O eu imaginário não é redutível à sua ilustração especular.

Diremos que a fobia sobrevém no preciso instante em que o lugar como sujeito na situação edípica é brutalmente questionado por um acontecimento que desloca uma gestalt frágil, na qual as relações narcisistas prevaleciam sobre as relações objetais.

A rua é acaso, para o agora fóbico, esse espaço vazio anônimo em que o sujeito se perde, em que não se reconhece, dada a impossibilidade de ser reconhecível e reconhecido nela, por carecer de uma imagem de identificação assumível".

Talvez uma outra forma de se interpretar a escolha do cavalo, enquanto objeto fóbico, poderia ser feita adotando-se a postura de Cabas, referida à leitura de Lévi-Strauss relativa aos mitos, que se fazem presentes também no caso de Hans. A Antropologia registra, como já é de conhecimento estabelecido, a presença de mitos nas chamadas comunidades primitivas. Considerando que Hans e seus amiguinhos também constituem-se em uma comunidade primitiva, o cavalo poderia ser visto e interpretado como sendo um totem. Hans está envolvido num sistema mítico, no qual o cavalo não se afigura apenas como tema principal dos jogos e prazeres que ele (cavalo) propicia, mas também se defronta com o perigo e a ameaça implícita (queda e machucado de Frederico, ameaça de morder - e, portanto, de amputar - os dedos de Liza). Na mitologia infantil, então, o que representa o cavalo? Num sistema que articula prazer com perigo, que vincula o desejo com o castigo, comprometendo

⁽²⁾ F. Perrier

assim o órgão do prazer com a organização da proibição", no dizer do próprio Cabas.⁽³⁾

Um aspecto que foi apenas tangencialmente tocado neste trabalho é o da angústia, conceito insubstituível, na medida em que o eixo de resolução edípica começou a ser referido ao complexo de castração. Para não deixar de mencioná-lo acrescentam-se algumas definições de angústia, propostas por Yafar⁽⁴⁾:

1. A angústia não é coisa simples de apreender. Isto pode ser pensado em função das considerações lacanianas de que a angústia não é imaginável nem simbolizável. Há uma dificuldade de estrutura que diz respeito à inapreensibilidade ou não do registro do real.

2. É algo sentido, pelo que a colocamos na linha dos sentimentos, ou melhor, dos afetos. Assim também define Lacan na primeira classe do Seminário sobre o tema.

3. É um desprazer muito particular quase inapreensível, com algo de inacessível, de indefinível, ligado, como mencionamos, ao sinistro, algo que se situa mais além do princípio do prazer - o que Freud chama de demoníaco. Pensamos então na angústia dos pesadelos, por exemplo.

4. Está ligada a descargas corporais. Ao corpo no que este tem de mais visceral: o respiratório e os fenômenos cardíacos.

5. Direta relação com o tema do luto e com um dado clínico importantíssimo, que é a dor.

A título de encerramento, está claro que o que foi dito neste texto alude a inúmeros aspectos não ditos, que requereriam maior aprofundamento para uma melhor compreensão da fobia. No limite das possibilidades atuais, este trabalho encontra-se no passo inicial do longo caminho para o entendimento da complexa estruturação do psiquismo humano e suas vicissitudes.

⁽³⁾ A função do falo na loucura

⁽⁴⁾ El caso Hans: lectura del historial de Fre.ud

BIBLIOGRAFIA

SAURI, J. (compilador) - Las fobias - Buenos Aires, Ed. Nueva Vision, 1984.

CABAS, A.G. - A função do falo na loucura. - Campinas, Papirus, 1989.

THIS, B. - O pai - Porto Alegre, Artes Médicas.

MELMAN, C. - Estrutura lacaniana das psicoses - Porto Alegre, Artes Médicas, 1991.

DOR, J. - Introdução à leitura de Lacan. - Porto Alegre, Artes Médicas, 1991.

MALLET, J. - et alli - Las fobias - Buenos Aires, Nueva Vision, 1984.

GREEN, A. - Narcisismo de vida e narcisismo de morte - São Paulo-Escuta, 1988.

YAFAR, R.A. - El caso Hans - Lectura del historial de Freud - Buenos Aires, Nueva Vision, 1991.

FREUD, S. - Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, São Paulo, Imago, 1977. As neuropsicoses de defesa (1894) Vol.3

Tres ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905)-Vol.7.

Análise de uma fobia de um menino de 5 anos (1909)-Vol.10.

Totem e Tabu (1912/1913)- Vol.13

O Sinistro (1919)- VOL.17

Inibição, sintoma e ansiedade (1925/1926) -Vol. 20.

AUTORES:

Anete M.B. Fernandes

Ario Borges Nunes Jr.

Chica H. Guimarães.

Cynthia Lopes Peiter

Ieda Gomide Moreira dos Santos.

José Carlos de Matos.

Jucelaine Hernandes Veger.

(Alunos do 2º ano do Curso de Formação em Psicanálise).

DA LINGUAGEM DOS AFETOS LINGUAGEM SIMBÓLICA.

Articulação dos Conceitos de Objeto e Pulsão,
Luto e Símbolo na Obra de Melanie Klein".

DORES DO MUNDO

"Assim como um regato corre sem ímpetos, enquanto não encontra obstáculos, do mesmo modo na natureza humana, como na natureza animal, a vida corre inconsciente e descuidosa, quando coisa alguma se lhe opõe à vontade. Se a atenção desperta, é porque a vontade não era livre e se produziu algum choque. Tudo o que se ergue em frente da nossa vontade, tudo o que a contraria ou lhe resiste, isto é, tudo que há de desagradável e de doloroso, sentimo-lo ato contínuo e muito nitidamente. Não atentamos na saúde geral do nosso corpo, mas notamos o ponto ligeiro onde o sapato nos molesta; não apreciamos o conjunto próspero dos nossos negócios, e só pensamos numa ninharia insignificante que nos desgosta. - O bem-estar e a felicidade são portanto negativos, só a dor é positiva. Não conheço nada mais absurdo que a maior parte dos sistemas metafísicos, que explicam o mal como uma coisa negativa; só ele, pelo contrário, é positivo, visto que se faz sentir... O bem, a felicidade, a satisfação são negativos, porque não fazem senão suprimir um desejo e terminar um desgosto. Acrescente-se a isto que em geral achamos as alegrias abaixo da nossa expectativa, ao passo que as dores a excedem grandemente. Se quereis num momento esclarecer-vos a este respeito, e saber se o prazer é superior ao desgosto, ou se apenas se

compensam, comparai a impressão do animal que devora outro, com a impressão do que é devorado.

*(Schopenhauer - Dores do Mundo
Coleção Universidade Ed. Tecnoprint
Ltda Rio de Janeiro).*

Para Freud desejo é o movimento libidinal que se estabelece a partir da experiência de satisfação, que deixa uma marca mnêmica. Toda vez que retorna a necessidade, a libido tende a percorrer este caminho, tentando recarregar esta marca mnêmica buscando a identidade de percepção.

Para Freud a libido não traz em si a expectativa do objeto, fará uma colagem a ele, pois em sua teoria há uma prevalência do objetivo da pulsão (descarga) sobre o objeto. O objeto da experiência de satisfação será o objeto do desejo. Esta primeira experiência de um objeto que gratifica a pulsão libidinal marcará, mas o objeto só será reencontrado mais tarde, após um longo desenvolvimento de soldadura, onde as pulsões parciais se sobressairão umas sobre as outras e acabarão sendo unificadas sob a primazia da genitalidade.

Freud trabalha assim com um objeto da pulsão libidinal, embora em 1920 em "Além do princípio de prazer", reconheça a existência da pulsão de morte, entendida como pulsão em estado bruto; que são as excitações intensas, despertadas por estímulos internos e externos que atingem o aparelho psíquico, provocando agudas sensações de desprazer, porque não se encontram dominadas, isto é não vinculadas, não representadas, o que as dotaria de uma força mortal. E considera que esta fica silenciosamente dirigindo o indivíduo para morte e que só através da atividade da pulsão de vida é que esta força mortal será domesticada, através de um princípio regulador (princípio do prazer), que ligue que vincule, que de representabilidade psíquica a essa pulsão, a essa energia intensa e bruta. É para poder dominar essa força mortal que, a princípio essa será projetada para fora e aparecerá sob forma de impulsos destrutivos dirigidos contra objetos do mundo externo.

Mas já em 1915, antes mesmo de postular a pulsão de morte como opositora da pulsão de vida neste jogo dialético, já citava: "o ódio enquanto relação de objeto é mais velho do que o amor. Deriva

do repúdio primordial do ego narcísico ao mundo externo com seu fluxo de estímulos" (As pulsões e suas vicissitudes - 1915). Freud, já neste momento não considerava que existisse representação mental da pulsão de morte. Para Freud a memória não tinha vida, ganhava vida quando fazia ligação, quando carregada de afeto, investida libidinalmente e dotada de representação psíquica. Já Melanie Klein percebe que a memória a princípio é viva. Com isto ela dá mais profundidade a teoria econômica do psiquismo. O que caracteriza o inconsciente é a fantasia que é um processo dinâmico, contém o econômico mas se desloca dele.

Podemos entender em Melanie Klein que este desinvestimento, esta pulsão irrepresentável é substituída pela projeção no objeto, como forma de representá-la. E postula que toda projeção leva novamente a uma introjeção, de maneira que se situa dentro do sujeito, todos os objetos maus, desagradáveis e destrutivos que projetou no mundo externo. "Assim a destrutividade para com o objeto primário não é apenas como descreveu Freud um desvio da destruição de si para o exterior. O desejo de aniquilamento está desde o começo dirigido contra o objeto percebido, e o self que percebe, quase indistinguíveis um do outro" Hanna Segal.

Desta forma a teoria de Melanie Klein é simultaneamente uma teoria das pulsões e uma teoria das relações objetais, já que o sujeito e objeto a princípio são indistinguíveis. Estas relações objetais representadas e dramatizadas na fantasia inconsciente é a própria memória viva.

Nas concepções Freudianas, as pulsões regem o acontecimento psíquico sem estarem elas próprias diretamente presentes no aparelho psíquico, sendo apresentadas através das representações dos afetos. Para Klein as fantasias são o conteúdo primário dos processos inconscientes, têm uma relação fundamental com as vivências corporais, que se expressam nas imagens mentais e mais tardiamente em representações verbais. São elas que dirigem as pulsões rumo aos objetos. Constituem igualmente o estofo mental daquilo que é descrito como mecanismo. Se para Freud o psiquismo se estrutura sobre traços ideativos, para Melanie se faz sobre traços afetivos.

Para Melanie Klein a pulsão traz em si a expectativa do objeto e sua contribuição neste encontro será sua forma particular de reagir a ele e de constituí-lo. O primeiro objeto, o seio da mãe, não seria a partir disto, o seio da maternagem, mas sim o da mãe mítica. A mãe, a qual o bebê já trouxe em parte no nascimento, deixando a outra parte - a perceptiva - para ser construída neste relacionamento.

É como se o bebê viesse ao mundo com duas potencialidades já formadas. Algo como um campo para reagir ao seio bom e um para o seio mau, que poderia ser entendido respectivamente como a capacidade inata de usufruir e apreciar as boas experiências, e assim constituir um seio bom, e um baixo limiar de tolerância a frustração, somado a incapacidade de reconhecer seus desejos agressivos, que serão projetados no seio, constituindo-o como um agressor intencional. O que, em "Além do princípio do prazer", Freud denominou a dualidade pulsão de vida e pulsão de morte.

Como na concepção de Klein as pulsões são inerentemente ligadas a objetos, supõe-se que as relações com objetos externos tornem-se o foco da fantasia inconsciente logo que alguma forma de atividade mental seja possível.

Melanie situa a pulsão de morte numa posição central, como organizadora do psiquismo humano, justamente por ser fator de exigência de trabalho, por ameaçar invadir e aniquilar o ego no momento do nascimento, devido a desfusão das pulsões. A perda da unidade e homeostase com a mãe, mergulha o bebê num mundo abrasador de necessidades, ou em outras palavras, fica sujeito a estímulos externos e internos que não é capaz de dominar e de representar, interpretando como ameaça de morte. Enclinando o organismo a destruir esta percepção.

O primeiro movimento para se reassurar contra estes perigos que ameaçam o ego de dentro de si mesmo, é cindir o id e projetar parte da pulsão de morte no objeto. O quantum de pulsão de morte ainda livre dentro do organismo, se funde então à libido, caracterizando o sadismo.

O seio, como primeiro objeto que se oferece a satisfazer e apaziguar as necessidades que surgem

com o nascimento é o objeto por excelência que receberá o impacto da pulsão de morte e será constituído como um perseguidor externo e interno. Melanie Klein chama a atenção se este movimento de cisão do id não seria semelhante ao que Freud chamou de repressão primária, justamente porque nesta incorporação do objeto, ele vai se opor a morte psíquica do organismo, disto derivando que o primeiro objeto é um objeto superegóico, que tem força catéctica contra a pulsão de morte. A repressão primária faria a primeira exigência superegóica, impedindo o livre curso das pulsões e instituindo o desejo.

No entanto, não se pode esquecer, que para Freud a repressão primária ocorreria sobre a pulsão libidinal, impedindo-a de investir na memória, que realiza o desejo mas não satisfaz a necessidade, levando a morte do organismo. A repressão primária Kleiniana seria sobre a pulsão de morte, como uma suposição de que sem um anteparo à pulsão de morte, a vida não surgiria. O superego se constitui assim da mesma potência destrutiva que o id, e se dirige ao mesmo objeto que o id, se dirige ao ego-que tem uma escapatória, o objeto. É deste paradoxo que nasce o indivíduo.

Melanie começa assim num momento anterior à satisfação da necessidade. Começa na representação da própria necessidade e acredita que o desejo, que é montado em cima da experiência de satisfação e que projeta um seio inexaurível a ser cobiçado, já seria uma idealização em resposta as ansiedades persecutórias já vividas. "A idealização excessiva indica que a perseguição é a principal força propulsora" (Inveja e gratidão 1957).

Para Melanie a libido que atua desde o início, se manifesta como sustentáculo, dá possibilidade de criar um mundo mental, mesmo que este seja um cenário horrível de ameaças e usos de defesas extremas, onde aparentemente existe pouca representação da pulsão libidinal, mas é a libido que está propiciando estes esforços na tentativa de formar representações, de unir e compreender.

Então se para Freud o objeto é o objeto do desejo, da pulsão libidinal, para Melanie Klein o objeto é o objeto da pulsão de morte. O ego primitivo se vê submerso no conflito de necessitar o objeto que

odeia e teme, que deverá ser construído como objeto do desejo.

Este ego primitivo, confrontado com exigências tão vitais e tão contraditórias não teria outro recurso que não o uso de defesas precárias e extremas, como o mecanismo de cisão do objeto e dos impulsos, idealização e negação da realidade externa e interna, na tentativa de manter o mais separado possível seu objeto de necessidade do seu objeto de ódio. Embora em certa medida estas defesas aumentem grandemente o sofrimento, (já que na vigência da experiência com o seio ruim, exista amnesia do seio bom, que satisfaz, vivenciando o tempo do eterno presente) propicia, por outro lado, que frente a um ego tão primitivo, incapaz ainda de lidar com situações mais complexas possa ser conservada e plenamente vivenciada a experiência com o seio bom. Que não haja uma contaminação que torne impossível a diferenciação do bom e do mau.

Contudo nenhuma destas defesas preenche inteiramente o seu propósito, continuando ativa a ansiedade de ser interiormente destruído e pressionando no sentido de contínuas projeções e, portanto, a cada fantasia sádica específica, corresponde uma fantasia de ansiedade que lhe é idêntica em seus mínimos detalhes e na qual o sujeito sofre aquilo a que, nas fantasias sádicas, submete seu objeto.

Se esta primeira tentativa de defesa, primeira tentativa de investimento objetal ou de representação psíquica, este "splitting" organizador, não der conta, o ego pode recorrer ao desinvestimento objetal e fragmentar como forma de obter uma dispersão dos impulsos destrutivos, considerados como fonte de perigo.

Melanie Klein fala de momentos de fragmentação alternando-se com momentos de maior integração. Caso esta fragmentação seja muito intensa e profunda já se está no campo da psicopatologia, o que caracteriza o quadro da esquizofrenia.

Se é a constituição de um objeto bom que exerce desde o início uma influência fundamental sobre os processos de integração, de investimento libidinal objetal, atuando como ponto focal no ego, compensando de certa forma os processos de divisão

e dispersão, é, por outro lado a incapacidade de constituir firmemente este objeto que estaria na base da tendência à desintegração. A cisão constituinte do objeto bom e mau é substituída, então, pelo objeto extremamente idealizado e extremamente persecutório.

Klein é levada a pensar sobre isto e postula a inveja primária como a forma mais insidiosa de manifestação da pulsão de morte.

Parece que parte da agressividade inicial, proveniente da separação do bebê de sua mãe no nascimento, é experimentada como inveja, porque tudo que faz o bebê sentir-se confortável parece pertencer ao mundo externo - a mãe.

Começando pela necessidade do bebê, não há dúvidas de que ele deseja que façam parte de si os objetos gratificantes dos quais ele necessita para sobreviver. Sua descoberta inicial do aparecimento e desaparecimento do objeto irá incitá-lo a desejá-los como partes de si mesmo, do único modo que ele é capaz, o concreto. A frustração de não ser capaz de manter sempre o objeto consigo aumentará o seu desejo de possessão, que se alcançar grande intensidade, tornar-se-á voracidade. A frustração, a raiva e a ansiedade resultantes da não possessão dos objetos gratificantes desejados levará ao desejo de despojar o outro que contém os objetos desejados, pois o outro está agora num estado de não dor ou prazer, um estado anteriormente experimentado pelo bebê. O desejo não é apenas de possuir o objeto, mas de privar o outro, do mesmo modo como ele está privado. Isto é a inveja. A inveja ataca o outro na sua capacidade de ter prazer, de usufruir. A inveja suscita o ódio pelo objeto bom.

O objeto assim atacado perde seu valor. A inveja excessiva aumenta a intensidade destes ataques e sua duração, tornando mais difícil para o bebê a recuperação do objeto bom perdido. Quando estes estados negativos são transitórios o objeto é recuperado a cada vez. E com o desenvolvimento através dos processos de projeção e introjeção o ego vai paulatinamente rumo a uma maior integração.

Este outro momento, onde um ego mais integrado já pode conservar a memória do objeto bom, mesmo na vigência da experiência ruim,

coloca em evidência outras formas para lidar com a situação. O ego identifica-se então com este objeto bom e ainda é incapaz de reconhecer em si a prevalência de impulsos agressivos, que são colocados no objeto externo, justificando seus ataques a este.

É o momento de entrada no Édipo arcaico, pois a fantasia seguinte é que este seio bom que não veio está gratificando a outro. Esta frustração não é tolerada como uma falta objetiva e sim como um ataque sádico a ele. Pois, sob a regência de um superego ainda muito cruel e sádico, este incremento de dor, a percepção desta falta essencial, ativa fantasias de ataques sádicos e invejosos ao par das figuras parentais (ainda vistas como figuras parciais, seio-pênis) que são fantasiadas como dando uma à outra precisamente aquelas gratificações que o bebê deseja para si, num coito sádico. Estes pais atacados e destruídos na fantasia são introjetados como figuras superegóicas, aumentando o clima de persecutoriedade.

Nesta estrutura paranóica o sujeito é um alienígena de si, que só se reconhece no pavor deste inimigo e não supõe que este outro é também um desdobramento ou representante de suas pulsões. É a perseguição, por assim dizer, que garante a integração precária do "self".

É neste contexto, no auge das angústias persecutórias e contribuindo grandemente para isto, que começa a mudar a relação do sujeito com seu objeto. A percepção de que o objeto contém também o bom, que até então era impedida pelo incremento de dor e inveja que ocasionava esta percepção, vai se tornando inevitável. Isto, em última instância, é dado pela força constitucional da libido, que neste momento pode expressar-se livremente e impregnar o objeto. Um self mais coeso tem mais possibilidade de percepção interna e externa.

O estabelecimento deste campo mental de reação a um seio bom, que como já foi enfatizado depende, em grande parte, da bagagem que o bebê traz ao mundo, por outro lado pode ou não encontrar facilitador no ambiente. Só será favorecido se o bebê tiver um ambiente que o acolha e uma mãe que seja capaz de tolerar e conter as projeções da criança e intuitivamente compreender seus sentimentos.

Parece depreender da teoria da deflexão da pulsão de morte para o exterior que o objeto mau é, no essencial, constituído através da ejeção-projeção, ao passo que o seio bom coincide aproximadamente com aquele que é encontrado desde as primeiras mamadas. Nesta perspectiva, as imagens do seio bom e da boa mãe, mais próximas da realidade do que aquelas que apresentam o objeto como mau, devem se fundamentar nas experiências satisfatórias.

No entanto, a gratidão desencadeada pelo gozo é uma disposição inata e variável segundo os indivíduos. Ao mesmo tempo a gratidão surge apenas quando há satisfação e esta, por sua vez, só pode ser completa se a gratidão é experimentada. É o momento em que a interrelação do inato e da experiência vai se tornar constituintes da capacidade de investimento libidinal.

Portanto, quanto mais frequentemente é sentida e plenamente aceita a experiência de gratificação, mais firmemente se estabelece a figura de um seio bom ou a solidez do investimento libidinal objetual.

E, assim, neste momento, entrar em contato com a bondade do objeto é passar de um estado de indiferenciação com o objeto (onde este contém partes do sujeito e vice-versa) para um estado onde os dois são reconhecidos.

Porém, o clima interno de extrema persecutoriedade não se apaga quando começa a mudar a relação do sujeito com o objeto. Às angústias persecutórias se soma a preocupação pelo objeto, que o sujeito sente impossível de manter a salvo e do qual depende a própria vida. O início da posição depressiva é um somatório de angústias da posição esquizo-paranoide e posição depressiva. Em outras palavras, no momento em que for possível a constituição da representação psíquica, tanto do sujeito, quanto do objeto, através de todo um trabalho de investimento libidinal que é o momento de angústia máxima, já é possível reconhecer a bondade do objeto e se preocupar por ele, sentindo que pode destruí-lo até por sua voracidade. Recaindo, nestes momentos, rapidamente, em angústias paranóides frente a um objeto atacado. A voracidade pelo objeto se iguala aos ataques sádicos a este como fator de perigo. Pois no momento do reconhecimento da bondade do

objeto, surge algo que deve ser preservado e não se trata mais de se livrar do mau, mas de reter o que é bom. O que implica numa mudança nas defesas, de projeção para introjeção.

A voracidade pelo objeto faz malograr neste momento a identificação com um objeto bom e inteiro. Para não reconhecer a avassaladora dor de ter estragado o objeto bom, o sujeito tem duas saídas: identificar-se com o objeto estragado ou regredir a posição esquizo-paranoide.

Neste momento, o recurso da clivagem, assume a característica de preservar o objeto bom, sem que seja assimilada a dor de ser ameaçador para este, nem enfrentada a possibilidade da sua perda. O objeto mau é então quem ameaça o objeto bom identificado ao "self". No fundo, encoberto mas também revelado por estas defesas, está que o terror do "self" é o terror dos seus próprios impulsos, tanto de ódio destruidor, como de amor devorador.

O objeto neste momento, não é introjetado num clima de gratidão e sim num clima de necessidade dele e de ódio a isto. A ansiedade é entrar em contato com o horror de não sobreviver ao estado catastrófico da perda de um objeto essencial. É preferível ter dentro de si um objeto estragado do que se separar deste. É a melancolia, onde todo trabalho de investimento é enfraquecido, tornando-o danificado.

O objeto idealizado é conservado até em contraposição a este objeto tão danificado e sem valor e ocupa a posição de um superego extremamente exigente que cobra do sujeito uma reparação perfeita e impossível. No excesso desta exigência se trai a emanação do objeto perseguidor e sádico.

Submerso em angústias insuportáveis o ser em constituição tenta inverter o sentido de tudo, tentando uma identificação com o objeto ideal. Nega que possa ter danificado um objeto de importância vital e tê-lo perdido para sempre, através da negação de qualquer uma das partes da asserção: " não danificou", " o objeto não tem importância" ou " é fácil recuperá-lo". É uma tentativa de reparação feita de forma mágica e onipotente. Mesmo sendo uma saída precária para as angústias é de certa forma mais propiciadora que a identificação melancólica.

O movimento da mania é o momento virtual da formação de símbolos, com sua troca de objetos e aumento do campo psíquico. As figuras vão se distanciando das figuras originais, embora seja o sadismo ainda operante que pressiona para, na emergência do reconhecimento da bondade no objeto, distribuir esta relação sádica com vários objetos e portanto diminuir a intensidade com o objeto original.

A entrada na posição depressiva envolve este momento onde se oscila rapidamente de angústias paranóides para movimentos melancólicos e maníacos. No entanto, a mudança radical na percepção do objeto, as mudanças concomitantes na estrutura do "self" e nas defesas a que o ego recorre, justifica para Melanie Klein o nome de posição depressiva e não melancólica-maníaca em contraposição a esquizo-paranóide. Embora a posição depressiva que se inicia, não se expresse como tal, manifestando-se primeiro como movimentos melancólicos-maníacos.

A experiência da posição depressiva, envolve a tolerância à dor da perda do objeto, que é conservado como um objeto bom. Tanto o movimento melancólico, como o maníaco tem por finalidade, evitar a renúncia ao objeto bom, (a percepção deste como um objeto separado de si) e se evita é porque já se foi marcado por ela.

A grande tarefa da posição depressiva é sustentar este objeto inteiro introjetado. A unificação do objeto de amor e do objeto de ódio coloca o indivíduo diante da realidade psíquica de sua ambivalência e faz com que tema a perda definitiva do objeto unificado (perda que é um prolongamento do temor arcaico de um desaparecimento definitivo do seio bom).

As ansiedades e as relações de objeto sádicas e persecutórias são ainda em grande parte, responsáveis pelo sofrimento psíquico neste luto. A perda do objeto desperta simultaneamente a culpa em relação a ele e o medo de que retorne de forma persecutória. A dor é causada pela percepção de um mundo interno em perigo de deterioração e colapso e o maior perigo está na transformação de amor em ódio contra o objeto perdido, que se expressa pelo sentimento de triunfo sobre ele. Este elemento maníaco tem por efeito retardar o trabalho do luto.

Esta vitória sobre o objeto perdido, além do fato de provocar a culpa e o temor do Talião, bloqueia a idealização, processo intermediário, mas essencial no luto normal, que permite manter a convicção de uma natureza boa (não retaliadora e persecutória) do objeto perdido. É a constituição do objeto da necessidade em objeto do desejo.

O alívio do luto provém, essencialmente, da atuação dos mecanismos de reparação, que permite a reconstrução de um mundo interior harmonioso, tornando bons os objetos cuja vingança era temida. Dá assim uma saída exitosa e criativa ao afeto. Como resultado desta reconciliação interior tem-se que a "diminuição do ódio e do temor permite então que a tristeza se manifeste em toda sua força" (...) e assim, quando a tristeza é experimentada com toda a intensidade e o desespero alcança seu ponto culminante, brota o amor pelo objeto e o enlutado sente mais intensamente que a vida continuará existindo apesar de tudo no interior assim como no exterior, e que o objeto amado perdido pode ser conservado internamente" (O desmame - 1936), agora como símbolo, que é o que fica dentro do indivíduo no lugar do objeto que aceitou perder, que o reconheceu como autônomo.

O objeto total, agora sustentado como um objeto do desejo e investido libidinalmente se presta a ser representado simbolicamente, como uma presença no mundo interno, porque se quer retê-lo e se reconhece como separado.

A constituição do símbolo requer um reconhecimento mais realístico do objeto que passa a ser visto como um objeto total e distinto do self. Isto implica numa diferenciação crescente entre mundos e objetos internos e externos, e dá origem à qualidade ambígua dos símbolos, à sua natureza metafórica, na qual eles são reconhecidos como possuindo suas próprias qualidades e ao mesmo tempo representando algum outro objeto com propriedades e atributos inteiramente diferentes. É o momento de constituição da linguagem e entrada na cultura. É o momento em que a memória não precisa ser atuada (memória viva) mas vive na representação psíquica.

Mas até este momento da constituição de uma linguagem metafórica existe todo um processo que é intermediado pela equação simbólica, onde o

sujeito já marcado pela percepção do espaço entre si e o objeto, a utiliza justamente para negar a separação. Na equação simbólica existe uma "igualização" do símbolo com a coisa simbolizada, resultando em o símbolo ser tratado como se fosse realmente o objeto original.

Alguns seguidores da obra de Melanie Klein, como Bion, Rosenfeld e Beth Joseph se interessaram em desenvolver o conceito de identificação projetiva, enfocando-a como o enraizamento mais arcaico da linguagem que agora se expressa como linguagem simbólica.

Partiram de colocações da própria Melanie Klein em "Notas sobre alguns mecanismos esquizóides" - 1946, onde fala da importância do emprego excessivo de cisão e identificação projetiva na produção de uma personalidade muito perturbada. Existindo, portanto, o pressuposto de que haja um grau normal de identificação projetiva sem definir os limites em que se situa esta normalidade.

Rosenfeld desenvolve que este mecanismo psicótico parece constituir uma distorção ou intensificação do relacionamento infantil normal - baseado em comunicação não verbal entre o bebê e a mãe - na qual impulsos, partes do self e ansiedades difíceis demais para o bebê suportar são projetados para dentro da mãe, que se for capaz de contê-las de tal modo que percam sua qualidade assustadora ou insuportável, podem tornar-se significativas pela capacidade de serem traduzidas em palavras. Esta situação, segundo Rosenfeld, parece ser de fundamental importância para o desenvolvimento de processos introjetivos e para o desenvolvimento do ego.

Bion pensa o elo de ligação entre o bebê e o seio na dependência da identificação projetiva e da capacidade de introjetar a identificação projetiva. A negação do uso deste mecanismo, seja pela recusa do objeto em servir de receptáculo dos sentimentos do bebê ou pelo ódio e inveja deste, que não pode permitir que o objeto exerça esta função, leva a uma destruição do elo de ligação entre o bebê e o seio e, consequentemente, a uma grave perturbação do impulso para ser curioso, do qual depende toda a aprendizagem, o que torna impossível o desenvolvimento normal.

Betty Joseph coloca que se o objeto não pode ou não contém as projeções, o indivíduo recorre a uma identificação projetiva cada vez mais intensa. A reintrojeção é realizada com uma força equivalente, e através desta intensa reintrojeção o indivíduo tem dentro de si um objeto interno que não aceitará projeção, que é onisciente, moralizante e não está interessado na verdade e no teste de realidade. O indivíduo se identifica então com este objeto interno que obstinadamente compreende mal e monta o cenário para psicose. Betty Joseph desenvolve também que provavelmente a identificação projetiva nunca é totalmente abandonada, embora, neste sentido não envolva mais a completa excisão e a recusa a assumir partes do "self" tornando-se então menos absoluta, mais temporária e mais capaz de ser retomada pela personalidade do indivíduo e assim constituir a base da empatia.

Podemos pensar assim a identificação projetiva como a comunicação caracterizada pela linguagem dos afetos, uma linguagem viva, corporal. É um princípio de simbolização porque o objeto representa ao sujeito, mas é vivenciado como exterior a si, não há contorno para o mundo interno, o qual engloba o que está fora.

Se considerarmos que a teoria de Klein é simultaneamente uma teoria das pulsões e uma teoria das relações objetais, não poderíamos pensar que também é simultaneamente uma teoria da linguagem?

AUSÊNCIA

Por muito tempo achei que a ausência é falta.

E lastimava, ignorante, a falta.

Hoje não a lastimo.

Não há falta na ausência.

A ausência é um estar em mim.

E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços, que rio e danço e invento exclamações alegres, porque a ausência, essa ausência assimilada, ninguém a rouba mais de mim.

("O corpo" - Carlos Drummond de Andrade).

BIBLIOGRAFIA

- A obra de Hanna Segal - Hanna Segal
- A pulsão de morte - Yorke, Rechardt, Segal, Widlocher, Ikonem, Laplanche, Green.
- Dicionário do Pensamento Kleiniano - Hinshelwood.
- Melanie Klein - Evoluções
- Melanie Klein - Inveja e gratidão
- Melanie Klein Hoje - Volumes I e II
- Melanie Klein - Novas tendências na psicanálise.
- Melanie Klein - Os progressos da psicanálise.
- Melanie Klein - Contribuições à psicanálise.

- Melanie Klein I e II - Jean Michel Petot.

- O desenvolvimento clínico de Melanie Klein - Donald Meltzer.

- Dores do mundo - Schopenhauer.

- O corpo - Carlos Drummond de Andrade.

- Freud - O movimento de um pensamento - Luiz Roberto Monzani.

AUTORES:

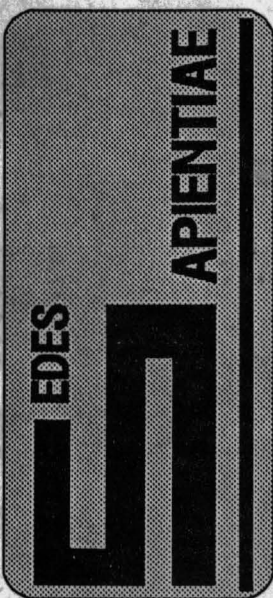
Lindalva Heitor de Mendonça Westin

Maria Cristina Webby

Maria Dulce T. Tournieux

Mildred Kum Wai Chui

(Alunos do 3º ano do Curso de Formação em Psicanálise).



R. Ministro Godoy, 1484
05015 - Perdizes - São Paulo - SP

**BOLETIM
FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE
ANO I - VOLUME I
MARÇO/ABRIL 92**



IMPRESSO

